

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA  
CURSO DE HISTÓRIA BACHARELADO**

**LUANA CLAUDINO DA SILVA**

**MULHERES COMUNISTAS: ALINA PAIM E JACINTA PASSOS (1944 - 1956)**

**MACEIÓ  
2021**

**LUANA CLAUDINO DA SILVA**

Monografia apresentada no curso do Bacharelado em História da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em História.

Orientador: Prof.º Dr. º Ana Paula **Palamartchuk**

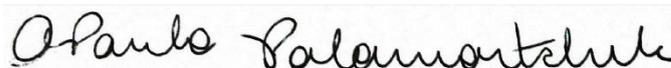
**MACEIÓ**  
**2021**

## Folha de Aprovação

LUANA CLAUDINO DA SILVA

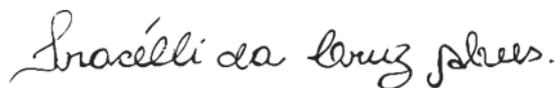
Mulheres Comunistas: Alina Paim e Jacinta Passos (1944-1956)

Monografia apresentada no curso do Bacharelado em História da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em História. e aprovada em 01 de setembro de 2021.



Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Paula Palamartchuk (Orientadora)  
Universidade Federal de Alagoas

### Banca Examinadora:



Profa. Dra. Iracélli da Cruz Alves (1<sup>ª</sup> Examinadora)  
Universidade Federal Fluminense



Mestra Gleice Pereira da Silva (2<sup>ª</sup> Examinadora)  
Universidade Federal de Alagoas

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecária: Livia Silva dos Santos – CRB-4 – 1670

S586m Silva, Luana Claudino da.  
Mulheres comunistas: Aline Paim e Jacinta Passos (1944-1956) / Luana Claudino da Silva. – 2021.  
66 f.

Orientadora: Ana Paula Palamartchuk.  
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 57-66

1. Militância – Mulheres. 2. Partido Comunista do Brasil (PCB). 3. Mulheres – Comunismo – História (1944-1956). 4. Aline Paim – História. 5. Jacinta Passos – História. I. Título.

CDU: 93: 329.15

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, pela minha vida, e por me permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da realização deste trabalho.

Sou grata à minha família, principalmente a minha mãe Lenita Claudino, que apesar de todas as dificuldades, não mediu esforços para investir na minha educação, e a minha tia Carmen da Paz, por todo o apoio nas vezes que eu pensei em desistir e por acreditar em mim, quando nem eu mesma acreditava.

Agradeço as minhas amigas de classe e de vida Ana Maria e Milena Correia, por toda amizade, apoio e companheirismo, por tornar minha vida acadêmica mais leve e mais feliz e por dividirem comigo todas as incertezas e dificuldades ao longo dessa jornada.

Deixo aqui o meu agradecimento em especial à minha orientadora Ana Paula Palamartchuk, por aceitar orientar essa pesquisa e por toda a sua dedicação, paciência, apoio, incentivo e confiança. Suas correções e suas sábias provocações, foram muito importantes para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Agradeço também a Gleice Pereira da Silva e a professora Iracélli da Cruz Alves, por tão gentilmente aceitarem o convite para compor a banca. Muito obrigada por me acompanharem ao longo destes anos, através das pesquisas feitas por vocês, pois foram fundamentais para a realização deste trabalho.

Agradeço também a Universidade Federal de Alagoas e ao Curso de História, por me proporcionarem essa experiência e principalmente aos professores que contribuíram como um todo para a minha formação. Aos meus colegas de turma, por compartilharem comigo tantos momentos de descobertas e aprendizado e por todo o companheirismo ao longo deste percurso. A todas e todos que participaram direta ou indiretamente da minha formação, o meu muito obrigada!

Por fim, gostaria de salientar que desenvolver uma monografia em qualquer circunstância não é uma tarefa fácil, ainda mais com a pandemia e a atual conjuntura política que enfrenta nosso país e, principalmente, a desvalorização da ciência. Dito isso, conseguir finalizar essa pesquisa foi para mim uma vitória muito grande e um ato de resistência. Os meus mais sinceros agradecimentos e solidariedade a todos aqueles que seguem nessa luta.

## RESUMO

A presente pesquisa visa trazer uma discussão acerca da militância feminina do Partido Comunista do Brasil (PCB). Busca-se mostrar, através da análise das fontes consultadas, principalmente os periódicos *A Classe Operária e Imprensa Popular*, bem como o debate historiográfico levantado, como atuavam essas mulheres dentro do partido, quais espaços eram ocupados por elas e qual a visão do PCB sobre a militância feminina. Abordaremos a experiência de militância da romancista Alina Paim e da poeta Jacinta Passos para entender como se relacionam suas carreiras profissionais e o engajamento político de cada uma. A escolha do recorte cronológico (1944-1956) se justifica por ser o período em que ambas trajetórias se encontram na atuação ativa nas fileiras do partido e também por serem anos que trouxeram importantes acontecimentos para a luta da mulher, como a fundação do Instituto Feminino do Serviço Construtivo (IFSC) em 1946, criado para servir como ponto de ligação entre as associações femininas de todo o país, e a criação em 1949 da Federação de Mulheres do Brasil (FMB) e permaneceu ativa por 7 anos. A organização, de caráter suprapartidário, teve como principais protagonistas as comunistas, que tiveram um importante papel para o seu desenvolvimento. Por fim, tentaremos compreender os fatores que levaram ao silenciamento e/ou ao esquecimento da mulher comunista nos livros de memória do PCB e na historiografia.

**Palavras-chave:** Mulheres; PCB; Comunistas; Militantes

## ABSTRACT

The presente research aims to bring a discussion about the female militancy of the Partido Comunista do Brasil - PCB (Communist Party of Brazil). The aim is to show, through the analysis of the consulted sources, mainly the periodicals as *A Classe Operária* and *Imprensa Popular*, as well as the historiographical debate raised, how those women acted inside the party, which spaces were occupied by them and what the PCB's view on female militancy. We will discuss the militancy experience of the novelist Alina Paim and the poet Jacinta Passos in order to understand how their professional careers and the political engagement of each one relate. The choice of the chronological clipping (1944-1956) is justified because it is the period in which both trajectories are active in the ranks of the party and also because there were years that brought important events to the struggle of women, such as the foundation of the Instituto Feminino do Serviço Construtivo - IFSC (Feminine Institute of the Constructive Service) in 1946, created to serve as a link between women's associations across the country, and the creation in 1949 of the Federação de Mulheres do Brasil - FMB (Federation of Women of Brazil) remained active for 7 years. The non-partisan organization had the communists as its main protagonists, who played an important role in its development. Finally, we will try to understand the factors that led to the silencing and/or forgetting of women in PCB memory books and in historiography

**Keywords:** Women; PCB; Communists; Militants

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO I: MULHERES COMUNISTAS</b> .....	<b>13</b>
1.1.A mulher e o PCB .....	<b>20</b>
1.2.A moral comunista e a mulher.....	<b>23</b>
1.3.A grande imprensa e a visão da mulher comunista .....	<b>26</b>
1.4.O perfil da mulher comunista.....	<b>27</b>
1.5 Alina Paim e Jacinta Passos: trajetórias e o PCB.....	<b>29</b>
<b>CAPÍTULO II - ALINA PAIM: A ROMANCISTA E A LITERATURA DA     REVOLUÇÃO</b> .....	<b>30</b>
2.1 Primeiros passos.....	<b>30</b>
2.2 Início da carreira e da vida política.....	<b>30</b>
2.3 Alina Paim e a coleção Romances do Povo.....	<b>35</b>
3. 1 Início da vida .....	<b>41</b>
3.2 Carreira e inserção na vida política .....	<b>43</b>
3. 3 Casamento e mudança para São Paulo .....	<b>45</b>
3.4 Jacinta Passos e as eleições de 1945.....	<b>47</b>
3.5 Poemas Políticos.....	<b>49</b>
3.6 Loucura e últimos passos.....	<b>51</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>56</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>58</b>

## INTRODUÇÃO

Ao analisarmos a participação das mulheres na História, podemos notar um certo esquecimento e/ou silenciamento, principalmente no que se diz respeito a atuação dessas mulheres na política, mais precisamente, no Partido Comunista do Brasil (PCB). Diante disso, é importante ressaltar, que a proposta desse trabalho não é fazer uma discussão acerca das relações de gênero presentes na atuação das mulheres no PCB, e sim tentar mostrar como atuavam essas mulheres dentro do partido, como também quais espaços eram ocupados por elas, tendo como foco as vidas da romancista Alina Paim e da poeta Jacinta Passos, entre os anos de 1944 e 1956. Para que possamos então compreender melhor a presença das mulheres nesses espaços e sua organização, é importante contextualizar como se deu a inserção delas no partido.

De acordo com a dissertação de Gleice Silva (2020), sobre as mulheres na formação do PCB, não se pode comprovar a participação das mulheres no Congresso de criação do partido no ano de 1922, como também não nos congressos de 1925 e 1928/1929, pois seus nomes não foram registrados pelo partido. Tendo em vista que, no período, o voto e a participação da mulher na política não eram permitidos, “as mulheres desenvolveram mecanismos próprios de atuação política e de reivindicação, e participaram das principais greves operárias das primeiras décadas da República”. (SILVA, 2020, pp. 51-52) Embora tenham sido inicialmente limitadas em atividades assistências e/ ou “femininas”, não podemos desconsiderar a participação das mulheres na elaboração, preparação e organização dos Congressos, mesmo que de forma não oficial (*Ibid.*). Ao nos depararmos com a pesquisa de Gleice Silva (2020), podemos observar que a primeira mulher a se filiar ao partido foi a operária Rosa Bittencourt no ano de 1922, logo após a fundação do PCB, mesmo não tendo registros de sua participação nos três primeiros congressos do partido. (*Ibid.* p. 53) Rosa Bittencourt era operária têxtil desde criança e foi bastante participativa como líder sindical e atuou nas lutas do Bloco Operário Camponês (BOC), além de vender o jornal do PCB, *A Classe Operária*, de porta em porta e participar como delegada no Congresso Mundial da Mulher na União Soviética, em 1930 (BUONICORE; GARCIA, 2012)

No mesmo ano em que Rosa entrou para o PCB, o secretário-geral do partido, Astrojildo Pereira, respondeu a indagação do secretariado feminino da Internacional Comunista (IC), a respeito da “realização, por parte do PCB, de um trabalho sistemático entre as mulheres.” (*apud:* SILVA, 2020, p.54) Em resposta, Astrojildo relata as dificuldades do

partido em realizar tal trabalho, pois o PCB encontrava-se na ilegalidade desde a sua criação, dificultando assim a propaganda do partido entre as mulheres e, ainda, informa a existência de algumas mulheres, sendo em grande parte as mulheres casadas com membros do partido. O secretário também demonstra interesse em realizar no próximo ano a propaganda entre as mulheres, criando um comitê especial para essa finalidade. O que não aconteceu, pois, no ano de 1924, o PCB é questionado novamente pelo Secretariado Feminino da IC, sendo respondido por Otávio Brandão, que informa a falta de uma mulher que possa realizar o trabalho junto às mulheres (*Ibid.*, p. 54-55).

Essas indagações do Secretariado Feminino são justificadas se pararmos para analisar que em outros países como era o caso da URSS, da Alemanha e dos Estados Unidos, as mulheres já participavam ativamente da organização partidária comunista, inclusive desde a formação da organização partidária (RODRIGUES, 2019, p. 15-16).

Desde 1921, Otávio Brandão e Laura Brandão já eram casados e Laura já vinha se destacando como militante, desde quando ambos faziam parte do movimento anarquista. Mesmo não tendo se filiado ao PCB oficialmente, a poeta ajudou a criar o comitê das mulheres trabalhadoras e foi bastante participativa dentro do partido. (SILVA, 2020, p. 55)

(...) colaborou na criação e na redação do jornal *A Classe Operária*, órgão oficial do PC do Brasil. (...) Envolveu-se no apoio a várias greves operárias e nas campanhas eleitorais dos comunistas. Exilada com toda a família depois da Revolução de 1930, foi locutora da Rádio Moscou e acabou morrendo na URSS durante a ocupação alemã àquele país. (BUONICORE; GARCIA, 2012)

A recusa de Laura Brandão em se filiar ao PCB se justifica como uma forma de protesto “contra a posição de subordinação que o partido atribuía às mulheres, contra o autoritarismo dos partidos comunistas e contra as perseguições de Stálin.” (SILVA, 2020, p.56) De acordo com Gleice Silva (2020), Otávio Brandão teria relatado em entrevista para o Centro de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), no ano de 1977, que Laura não se filiou ao partido, pois era exigido pelo PCB que ela se dedicasse exclusivamente as suas tarefas, abandonando as suas filhas. (*Ibid.*) Tal exigência dificultava a participação das mulheres, principalmente a da mulher operária, pois tinham que enfrentar uma dupla ou até mesmo tripla jornada, dividida entre trabalho, cuidados da casa e a militância. Outro empecilho seria também a falta de incentivo dos companheiros homens do partido. “além das debilidades organizativas e materiais, as mulheres militantes ainda precisavam vencer as barreiras impostas pelo PCB no recrutamento dos seus militantes” (*Ibid.* p. 57)

Em 28 de julho de 1928, foi fundado o Comitê Eleitoral das Mulheres Trabalhadoras, pelo Bloco Operário Camponês (BOC), tornando-se então, “a primeira associação de massas femininas surgida no Brasil, sob a influência do PCB.” (BUONICORE; GARCIA, 2012) Seus fundadores foram Minervino de Oliveira, Octávio Brandão, Joaquim Nepomuceno e Laura Brandão. Dentre os objetivos do Comitê Eleitoral das Mulheres Trabalhadoras, se destacam “a conquista de um maior número de aderentes entre as operárias, as domésticas, as mulheres que vivem do próprio trabalho; a luta pelo sufrágio feminino e para colocar no Parlamento mulheres pobres que saibam defender os interesses das mulheres trabalhadoras de todo o Brasil.” (*ibid.*)

Ainda segundo Buonicore e Garcia, durante o processo eleitoral, as mulheres não puderam votar nem serem candidatas, mas tiveram grande participação. Após a eleição, o Comitê passou a ser chamado somente Comitê das Mulheres Trabalhadoras. Nele, era desempenhado pelas Mulheres Trabalhadoras os trabalho nas fábricas e nos bairros operários. “Pela primeira vez no Brasil, em 1928, em nome do Bloco Operário e Camponês, simples mulheres do povo fizeram discursos aos operários, chamando-os à organização e à luta.” (*Ibid.*) Diante disso, foram criados Comitês de Mulheres no Rio de Janeiro e em Niterói, com intenção de que se espalhassem em torno do país.

De acordo com Buonicore e Garcia (2012), é comunicado a existência de “20 mulheres filiadas ao Partido até 31 de agosto de 1929” (*Ibid.*), somente no Rio de Janeiro. Este comunicado foi feito em carta à Sessão Feminina da Comissão Executiva da Internacional Comunista assinada por Francisco<sup>1</sup>, responsável pelo trabalho das mulheres no Comitê Central. Em novembro do mesmo ano, após reatualização de dados, consta a presença de 50 mulheres, o que seria equivalente a menos de 3% dos militantes do partido, de acordo com o Comitê Central. Diante dos números apresentados, podemos perceber como era pequeno o número de mulheres no PCB em seus primeiros anos de criação e “limitada não apenas por questões organizativas, mas também, pela visão estreita dos primeiros dirigentes comunistas em relação à atuação política das mulheres.” (SILVA, 2020, p. 59)

Tendo em vista esse cenário, a monografia está dividida em três capítulos. No primeiro, abordaremos as organizações femininas no e/ou dirigidas pelo partido e como se deu a sua criação e atuação. Também iremos analisar como se dava a relação entre as mulheres e o PCB, principalmente quais lugares eram ocupados por elas dentro da organização partidária. A moral comunista e as condições impostas por ela às mulheres também serão abordadas, bem como a visão da grande imprensa sobre a mulher comunista. Por último, faremos uma breve análise do

---

<sup>1</sup> Segundo a pesquisa de Buonicore e Garcia, na assinatura da carta não continha sobrenome, era assinada simplesmente por Francisco. (BUONICORE; GARCIA, 2012)

perfil das militantes. Para isso, a dissertação de mestrado da historiadora Iracélli Alves (2015), assim como sua tese de doutorado (2020) e a dissertação de Viviane Leão (2003) serão grandes norteadores para o desenvolvimento deste capítulo. Além de contar como fonte de pesquisa os periódicos *A Classe Operária*, digitalizados e disponibilizados pelo Centro de Documentação e Memória (CDM) da Fundação Maurício Gabrois e *O Momento Feminino*, disponível no acervo da Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional.

No segundo e no terceiro capítulos, nos depararemos com um panorama a respeito da vida da romancista Alina Paim e da poeta<sup>2</sup> Jacinta Passos, para que possamos perceber a experiência da militância feminina dentro do partido, sob o ponto de vista de suas trajetórias, levando em consideração seus primeiros passos, o início de suas carreiras profissionais e da vida política, as diversas participações e contribuições importantes que ambas tiveram para o PCB, bem como a influência de seus ideais políticos em suas obras.

Dentre tantas mulheres que se destacaram no PCB, a escolha de Alina Paim e Jacinta Passos se deu diante de uma pesquisa anterior sobre a Coleção Romances do Povo, sobre a qual falaremos posteriormente, na qual percebemos a presença de apenas um autor brasileiro, sendo este uma mulher, Alina Paim – vale ressaltar, única autora brasileira e uma das três autoras mulheres presentes na coleção, ao lado da russa Galina Nikolayeva (1911-1963) e da escritora alemã Anna Seghers (1900-1983). Sendo assim, nasceu a vontade de conhecer quem era a romancista e procurar compreender como sua jornada esteve ligada ao partido. O interesse em Jacinta Passos se dá justamente ao analisar as fontes sobre Alina Paim, pois suas trajetórias, além de semelhantes, se entrelaçam em diversos momentos. Outro fator é a escassa bibliografia encontrada sobre ambas na historiografia.

Para isso, contaremos com as contribuições de Maria Leal Cardoso (2010) e a dissertação de Ilka Maria de Oliveira (1998) para entendermos a vida de Alina Paim e Janaína Amado (2010), principal bibliografia sobre Jacinta Passos e a obra mais completa, tendo em vista a falta de produção historiográfica sobre a poeta. Além das referências bibliográficas, contaremos como fonte as pesquisas feitas em periódicos da época, principalmente o jornal *Imprensa Popular*, disponível na Hemeroteca Nacional/BN, que será o principal norteador da pesquisa sobre ambas.

---

<sup>2</sup> Será utilizado nesta pesquisa o termo “poeta”, pois será usado aqui como sem gênero. Existe um debate acerca do uso de “poetisa”, pois ele rebaixa a mulher. A palavra poeta durante toda a História, representou a figura masculina, visto que durante séculos, as mulheres ficaram proibidas de escrever e o feminino de “poeta”, nem ao menos foi usado. Somente a partir do século XX que surge o termo “poetisa” como feminino de “poeta”. Segundo Adrienne Morelato (2019) o “isa” da palavra “poetisa” traz o significado de diminutivo, não somente na origem da palavra, mas também no uso social da época em questão, no qual “poetisa” claramente possui uma denotação menor. (MORELATO, 2019, s/p)

## CAPÍTULO I: MULHERES COMUNISTAS

Com o final da Segunda Guerra Mundial, houve diversas mudanças na sociedade, principalmente no âmbito político, cultural e socioeconômico. No Brasil,

(...) os anos de 1945 a 1964, comumente chamado de “anos dourados”, passou, do ponto de vista econômico, por uma fase de aceleração do desenvolvimento, marcado pelo avanço do processo de urbanização e industrialização, especialmente durante o governo de Juscelino Kubistchek (1955-1960). No contexto, a economia e a sociedade brasileira tornaram-se mais complexas com o crescimento dos setores de finanças e de serviços em geral e as mudanças nos padrões de consumo. (PINSK apud ALVES, 2020, p. 89)

Tais mudanças contribuíram consideravelmente nas condições socioeconômicas das mulheres de classe média que, segundo Alves (2020), sentiram de modo direto o processo de urbanização. Com essas transformações, os serviços artesanais e/ou domésticos foram eliminados, a partir do momento em que o setor secundário foi crescendo. Com isso, foram surgindo cada vez mais empregos para as mulheres, que eram designadas a desempenhar os trabalhos considerados femininos (*Ibid.*). Os locais mais comuns de trabalho feminino eram “nos setores de costura e bordado, em indústrias domiciliares, no setor de serviços (transporte e comunicação) ou trabalhando por conta própria (nem sempre contabilizadas), principalmente em atividades que pudessem conciliar trabalho externo e atividades domésticas” (*Ibid.*, p. 91).

Ainda assim, as mulheres tiveram que lutar constantemente por seu espaço fora da vida privada e garantir o seu lugar como trabalhadora. De acordo com Alves (2020), muitas mulheres se apropriaram desses efeitos da Segunda Guerra. “Era comum demarcarem que ‘a participação ativa das mulheres nos diversos ramos da indústria’ durante a guerra era uma prova inconteste da ‘falsa teoria sobre a inferioridade da mulher’, na medida em que o evento teria contribuído para ampliar acentuadamente o número de trabalhadoras no mundo inteiro.” (*Ibid.*, p.90)

No Brasil, a conjuntura política estava direcionada para o fim da ditadura do Estado Novo (1937- 1945).

Em 1945, com o final da guerra, o Estado Novo, que já dava sinais de falência, se desmanchava rapidamente. A ideia de que o país estava cada vez mais próximo de uma democracia começava a ganhar materialidade através de medidas como a anistia dos presos políticos e exilados, em 18 de abril; a promulgação do código eleitoral, em 28 de maio; a legalização oficial do PCB, em 12 de novembro; as eleições para a Assembleia Constituinte, em 2 de dezembro; o fim da censura dos jornais, revistas e rádios e o aparecimento de partidos políticos nacionais. Tudo isso era novidade na história política do país. (*Ibid.*, pp. 92 -93)

Após o PCB sair da clandestinidade durante o processo de “abertura” democrática, em 1945, ampliou-se a presença das mulheres no partido. Estas não apenas se filiaram ao PCB, como também desempenharam um papel fundamental para o seu desenvolvimento. Uma das

mais importantes atuações das mulheres foi a organização feminina ligada ou não ao partido. Como destaca Iracélli Alves, em 1935, foi criada a União Feminina Brasileira (UFB) por “Armanda Álvaro Alberto, Eugênia Álvaro Moreira e Maria Moraes Werneck e um grupo de mulheres insatisfeitas com o rumo político que o país tomava, a organização estava ligada à Aliança Nacional Libertadora (ANL)” (ALVES, 2015, p. 44). A organização teve apenas dois meses de existência, pois, nesta época o Brasil vinha passando por uma conjuntura política bastante repressiva e autoritária advindas do fascismo e do anticomunismo, o que ocasionou nas perseguições e repressões às organizações comunistas, o que não foi diferente com a UFB, que além de ter sido posta na ilegalidade, teve sua liderança detida (Id., 2020, p. 86).

A UFB lançou um manifesto, de acordo com o livro de memórias de Maria Werneck, convocando as mulheres à luta, reivindicando seus direitos, tais como: a emancipação feminina, igualdade salarial, educação formal, dentre outras. (*Ibid.*)

Não poderíamos continuar indiferentes ante os choques, as tragédias e a miséria que nos cercam. Falharíamos a nós mesmas se não pensássemos em lutar ombro a ombro com os homens, pelos nossos direitos. Qual tem sido até hoje nosso papel no Brasil? Na escola, a opressão dos que querem fazer de nossa inteligência um sabujíssimo. Na fábrica, substituindo o homem com salários menores e menor revolta. No escritório produzindo tanto quanto um homem e recebendo muito menos que ele. No lar, prisioneiras passivas, tudo criando e nada produzindo. Na sociedade, joguetes cheios de deveres, tudo se nos exigindo, sem direitos, tudo se nos negando. [...] Lutemos Unidas! E, para essa luta, chamemos todas as mulheres do Brasil. Operárias, intelectuais, estudantes, artistas, professoras, jornalistas, comerciárias, bancárias, telefonistas, domésticas, camponesas, costureiras, funcionárias, mulheres que trabalham em todos os setores. [...] Lutemos unidas pelos nossos direitos, por melhores salários e ordenados, pelo nosso direito de viver.<sup>3</sup>

Podemos observar que a UFB pretendia unir e mobilizar mulheres de diferentes classes sociais e econômicas, inconformadas com a sua condição na sociedade, como também acreditava que a luta pela libertação feminina teria que ser em conjunto com os homens, diferente de organizações femininas anteriores, como é o caso da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), organização nacional, fundada em 1922, e sem vínculo com o PCB, que apesar de defender os direitos das mulheres e lutar pela emancipação feminina, não se preocupou em mobilizar as mulheres da classe trabalhadora, como também se aliaram a grupos políticos dominantes (ALVES, 2015, p.45). Vale a pena ressaltar também o perfil das mulheres vinculadas a FBPF, que segundo Iracélli Alves, eram mulheres letradas, de classe média alta da sociedade.

Outra organização importante foi a Federação de Mulheres do Brasil (FMB), fundada em 1949, através da Conferência Nacional Feminina realizada no Rio de Janeiro, conforme

---

<sup>3</sup> WERNECK, MARIA apud ALVES, Iracélli da Cruz. *A política no feminino: uma história das mulheres no Partido Comunista do Brasil – Seção Bahia (1942-1949)*. Feira de Santana, 2015, p. 44-45.

matéria divulgada no jornal *A Classe Operária*:

Está convocado para este mês (de 22 a 25) o primeiro Congresso Brasileiro de Mulheres. (...) esclareçamos nossas amigas, nossas colegas de trabalho, nossas vizinhas para que se juntem a nós e apoiarem avidamente o nosso Congresso, organizando-se nos bairros, nas empresas, nas vilas e cidades, em defesa da paz e das reivindicações femininas.<sup>4</sup>

De acordo com o jornal *O Momento Feminino*<sup>5</sup>, a Conferência Nacional foi:

Organizada pela Associação Feminina do Distrito Federal, pela Federação das Mulheres de São Paulo, pela União Feminina de Minas Gerais, pelo Comitê de Mulheres de Pernambuco, e mais nomes representativos no cenário nacional, d. Alice Tibiriçá, Nuta James, Helena Sangirardi e Jacinta Passos (*O Momento Feminino*, 1949, p.4).

Apesar de ser fundada em 1949, a Federação já vinha sendo construída desde 1946 com a criação do Instituto Feminino do Serviço Construtivo (IFSC), que de acordo com o *Momento Feminino*<sup>6</sup>, foi criado para servir tanto como ponto de ligação entre as associações femininas de todo o país, como para organizar a conferência nacional. Segundo a historiadora Iracélli Alves, o Instituto do Serviço Construtivo foi criado em 28 de outubro do ano de 1946, no Rio de Janeiro. Tinha como presidente a ativista e militante Alice Tibiriçá (ALVES, 2020, p.96). Dentro do instituto, existiam diversos departamentos:

O Departamento da Educação sob a direção de Dona Branca Fialho (...) O Departamento dos Direitos da Mulher, um dos principais esteios do Instituto, formado por advogadas, como a dra. Nice Figueiredo e Diana de Brito. (...) O Departamento da Criança, que procura organizar creches e auxiliar as mães nos seus afazeres. (...) O Departamento de Diversões tendo à frente d. Maria Jackes, se encarrega das festas do Instituto. (...) O Departamento trabalhista, procura ajudar a mulher que trabalha, estuda o problema dos menores e dos trabalhadores em geral. (...) Departamento de Economia, criado com o intuito de ajudar as mulheres na sua luta contra a carestia. (...) O Departamento da paz, ao qual todas as mulheres devem pertencer.<sup>7</sup>

Através dessa informação, podemos observar como as mulheres conseguiram estabelecer uma certa organização dentro do IFSC, criando departamentos para tratar dos assuntos de maior importância para elas no momento.

De volta a Conferência, o evento foi responsável por reunir mulheres de diversos grupos femininos que atuavam na época e de delegações de diversos estados do Brasil (ALVES, 2017. p.6). Ocorreu nos dias 23 e 24 de maio de 1949, no Rio de Janeiro e seus assuntos giravam em torno de tais problemáticas:

<sup>4</sup> ALAMBERT, Zuleika. Um congresso de mulheres pela paz e o bem star. *A Classe Operária*, Rio de Janeiro, 14 de maio de 1949. Ano 4, n. 174, p. 1.

<sup>5</sup> s/a, Conferência Nacional Feminina. *O Momento Feminino*, Rio de Janeiro, 20 de maio de 1949, Ano 2, n. 54, p.4

<sup>6</sup> TIBIRIÇA, Alice. As mulheres organizadas a serviço do Brasil e da humanidade. *O Momento Feminino*, Rio de Janeiro, 08 de agosto de 1947. Ano 3, n., p.4

<sup>7</sup> s/a, Primeiro aniversário do Instituto Feminino do Serviço Construtivo. *O Momento Feminino*, Rio de Janeiro, 31 de outubro 1947. Ano 1, n. 15, p.15.

Carestia de vida, salários baixos, precariedade na educação formal, falta de creches, hospitais e maternidades, entre outros. Avaliou-se, também, que as mulheres deveriam combater o estado de interiorização social no qual se encontravam. Ponderaram que os problemas só seriam solucionados quando se unissem na construção de um movimento feminino forte, independentemente de classe, cor, religião ou ideário político. (ALVES, 2015, p.2)

A organização era de caráter suprapartidário, porém, as mulheres do PCB tiveram uma grande participação. Segundo Viviane Maria Leão (2003), as comunistas atuaram em congressos e convenções em todo o Brasil, sendo noticiadas pela imprensa partidária. A Federação teve duração de 7 anos, tendo como principal conquista o envio de um projeto de lei em defesa da economia popular ao Congresso Nacional, pelo presidente Getúlio Vargas, no ano de 1951. “Aprovada a Lei Delegada n.º 4, foi criado para garantir a sua aplicação um órgão público: a Superintendência Nacional de Abastecimento – SUNAB” (LEÃO, 2003, p.81).

Além dos eventos por todo o Brasil, a federação também teve participação em eventos internacionais. Estes sendo do partido ou somente dos movimentos de mulheres, principalmente para as reuniões da Federação Democrática Internacional de Mulheres - FDIM<sup>8</sup> (ALVES, 2020, p. 119).

Outra forma de atuação das mulheres no PCB, foi na imprensa partidária, principal veículo de comunicação entre a direção e a militância e também um instrumento de agitação e propaganda. O jornal de maior alcance entre as mulheres foi o jornal *O Momento Feminino*, criado em 1947, no Rio de Janeiro. O jornal funcionou de 1947 até 1948, como semanário, transformando-se em uma revista mensal a partir de 1949. Seu funcionamento se estendeu até 1956. Como afirma Iracélli Alves (2015), o jornal “Serviu como um ponto de articulação para a fundação da Federação de Mulheres do Brasil.” (ALVES, 2015, p. 65)

Suas mensagens eram voltadas para a defesa da cidadania feminina, luta contra a carestia e pela paz. Além disso, o periódico proporcionava aos leitores - haja visto que muitos militantes também se interessavam pelo conteúdo proposto pelas organizadoras - diversas informações culturais, como *sugestões* de literatura, peças teatrais, filmes cinematográficos e mantinham seções auxiliares de puericultura, alfabetização, moda culinária entre outras, a fim de *orientar*, aliviar e entreter o cotidiano feminino. (LEÃO, 2003, p.73)

Para além disso, *O Momento Feminino* possibilitou a circulação de informações a respeito das discussões feitas pelas comunistas sobre a subjugação da mulher, como também informações sobre suas ações práticas, para o público feminino das mais diversas classes sociais, com o intuito de mobilizá-las, apesar de não se intitular como um jornal feminista, recusando

---

<sup>8</sup> A Federação de Democrática Internacional de Mulheres (FDIM), foi criada no ano de 1945, no Congresso Internacional de Mulheres em Paris. Apesar de englobar mulheres de diversas posições políticas, a FDIM estava vinculada ao movimento comunista internacional. Tinha por seu objetivo, reunir as federações de mulheres de diversos países, sob diretrizes e políticas comuns, lutando pela emancipação das mulheres e dos povos e por uma sociedade sem exploração e repressão. (MORAES apud ALVES, 2020, pp. 51-54)

totalmente tal termo: “mesmo nas publicações referentes às organizações assumidamente feministas, substituíam-se os termos feminismo/feminista por feminino/feminina”. (ALVES, 20017, p.5).

Em relação à imprensa partidária, no jornal *A Classe Operária*, em um artigo escrito por Arcelina Mochel<sup>9</sup>, podemos notar uma preocupação das mulheres e conseqüentemente do partido, em usar a imprensa para orientar, mobilizar e organizar as mulheres em favor da luta.

O despertar político das mulheres brasileiras, sua grande combatividade demonstrada ultimamente com a criação das Uniões femininas populares, para a luta contra a carestia. Impõe a nossa imprensa a necessidade de ajudá-las e orientá-las em sua luta e na maneira de apresentarem suas reivindicações, pois as operárias, assim como as donas de casa, por terem sido mantidas durante tanto tempo à margem da vida social e política, tem muito o que aprender, necessitam de uma consciência clara de seus direitos e, sobretudo, das vantagens que lhe trará a organização para melhorar suas condições de vida e a dos seus filhos. Para isso deve contribuir toda a imprensa partidária, os boletins e os periódicos das empresas e dos sindicatos e de todas as publicações populares e econômicas e intelectuais.<sup>10</sup>

Além da imprensa partidária, a literatura fora sempre um importante instrumento de expressão política dessas mulheres, não especificamente delas, mas do próprio PCB, que investia na política cultural, incentivando os seus filiados a colocarem sua arte à disposição dos ideais revolucionários socialistas. As mulheres desempenharam muito bem esse papel, sem que deixassem de trazer em suas obras as questões femininas (ALVES, 2017, p. 8).

As mulheres foram bastante participativas na luta contra a carestia de vida, a falta de moradia adequada, falta de abastecimento de água, as longas filas e os baixos salários que os trabalhadores e as classes menos favorecidas da sociedade estavam sujeitos. Para isso promoveram comícios, passeatas e divulgaram constantemente na imprensa partidária suas reivindicações: desenvolver trabalhos pela melhoria do transporte; trabalho pela baixa de preço de gêneros de primeira necessidade; melhoria de trabalho e de vencimento; criação de maternidades, creches e escolas e solução das grandes filas<sup>11</sup>. Além disso, as mulheres desempenharam também papéis de base como panfletagem, organização de protestos, comícios e palestras.

Para que possamos compreender melhor, onde, como e o que mobilizava essas mulheres

---

<sup>9</sup> Natural de São Luís (MA) e formada em Direito pela Faculdade de Direito do Maranhão, Arcelina Mochel foi uma militante comunista e fundadora do jornal *O Momento Feminino*. Foi eleita para compor a câmara Municipal do Distrito Federal em 1949 pelo PCB, como também foi líder da bancada comunista e presidente da Comissão de Administração e Assistência Social da Câmara dos Variadores do Rio de Janeiro. Foi uma figura bastante conhecida e importante para o partido, como também para o movimento de mulheres. (SCHUMACHER E BRAZIL, 2000, pp. 11- 113)

<sup>10</sup> MOCHEL, Arcelina. A importância da Imprensa na organização feminina. *A Classe Operária*, Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1946. Ano 1, n. 33, p. 7

<sup>11</sup> MOCHEL, Arcelina. A luta das mulheres contra a crise *A Classe Operária*., Rio de Janeiro, 18 de maio de 1946. Ano 1, n.11, p. 4

para a militância, faremos uma breve análise da militância de Patrícia Galvão<sup>12</sup>, mais conhecida como Pagu e da médica psiquiátrica Nise da Silveira<sup>13</sup>.

De acordo com Palamartchuk (2018), em 1931 Patrícia Galvão publicou junto com Oswald de Andrade e Queirós Lima, o semanário *O homem do Povo*. Nele, Pagu era responsável pela coluna “A mulher do povo”, além de contribuir com algumas ilustrações e secretariar a redação. O jornal não durou muito, tendo apenas 8 números entre março e abril do mesmo ano. No seu curto período de existência, o jornal sofreu ataques de um grupo de estudantes da Faculdade de Direito do Largo São Francisco.

Provocados pelos artigos, os estudantes invadiram a redação do jornal, que estava localizado nas proximidades da faculdade, por duas vezes; na segunda, os envolvidos, entre os quais Pagu e Oswald, foram parar na delegacia e o jornal acabou não circulando mais (PALAMARTCHUK, 2018, p. 56)

No que diz respeito a contribuição de Patrícia Galvão no jornal, fica revelado a partir das pesquisas de Palamartchuk, que tanto a coluna “A mulher do Povo”, quanto os quadrinhos “expressaram a crítica social em uma cidade em plena transformação, ao mesmo tempo em que ensaia o ativismo e a militância política, através da escrita experimental e usando ao máximo o tom anticlerical, irônico e, em alguma medida, bastante debochado.” (*Ibid.*, p. 57).

Em 1933, lança o livro *Parque Industrial*, com o pseudônimo de Mara Lôbo por imposição da direção do PCB. Livro este que causou algumas controvérsias por fazer diversas críticas a sociedade, além de denunciar as condições socioeconômicas em que o proletariado estava inserido, e principalmente por centralizar em sua narrativa a vida das mulheres trabalhadoras (*Ibid.*, pp. 58-63).

No final de 1933 inicia uma sequência de viagens, embarcando primeiramente para os Estados Unidos, em seguida ao Japão, no qual realizou uma visita ao chefe do consulado Do Brasil, o poeta Raul Bopp. Depois seguindo para China, Rússia e França, na qual permaneceu até

---

<sup>12</sup> Patrícia Rehder Galvão, mais conhecida como Pagu, nasceu em 09/06/1910 em São João da Boa Vista – SP. Desde cedo iniciou sua carreira como jornalista, como também seu engajamento político, filiando-se ao PCB, sendo presa diversas vezes por subversão. Durante vários anos foi companheira do Escritor Oswald de Andrade, também filiado ao PCB. Pagu também era escritora e foi autora do livro *Parque Industrial* com o pseudônimo de Mara Lobo por imposição da direção do PCB, livro publicado em 1933 e que causou bastante controvérsia, por fazer diversas críticas a sociedade, além de denunciar as condições socioeconômicas em que o proletariado estava inserido, como também trouxe em seu romance, a figura da mulher para além do lar. Em 1940, desligou-se do partido, passando a criticá-lo. Em 1950, se candidatou como deputada estadual pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB), porém, não se elegeu. Morreu em 12/12/1962. (SCHUMAHER E BRAZIL, 2000, pp. 592-594)

<sup>13</sup> Nise da Silveira Magalhães, nascida em Maceió- Al. A médica psiquiátrica, foi a única mulher de sua turma na Faculdade de Medicina na Bahia em 1926. Em 1927, mudou-se para o Rio de Janeiro e lá passa a frequentar clínica de Neurologia da Faculdade de Medicina do Distrito Federal, na qual se especializou em psiquiatria. Em 1933, passou em 3º lugar em um concurso para a Seção de Psiquiatria da Assistência aos Psicopatas do Hospício Nacional. Seu trabalho pioneiro no tratamento da doença mental, através da terapia ocupacional, utilizando atividades como a arte plástica como método terapêutico na recuperação de pacientes psiquiátricos é reconhecido internacionalmente. Em 1952, fundou o Museu do Inconsciente criado junto ao Centro Psiquiátrico Pedro II, no qual reunia a produção artística dos internos. (PALAMARTCHUK, 2003, p. 50)

o final de 1935., mesmo ano em que se filiou ao Partido Comunista Francês (PCF). Na França,” trabalhou como tradutora e redatora no *L’Avant-Guarde*” (*Ibidem*, p. 64) Ainda no ano de 1935, “foi presa como militante estrangeira e quase foi deportada para a fronteira da Itália ou da Alemanha, escapando porque o embaixador Souza Dantas interveio e conseguiu sua repatriação, “(*Ibidem*)

Segundo Palamartchuk, após voltar ao Brasil, se inicia uma série de prisões e processos. Em 1936, foi presa “sob a acusação de envolvimento nos levantes comunistas de novembro de 1935” (*Ibidem*). Foi julgada e absolvida pelo Juízo Federal de São Paulo, mas após, a procuradoria da República entrar com recurso no Tribunal Militar do Distrito Federal foi condenada a dois anos de prisão. Durante esse tempo, passou pelos Presídios do Paraíso e MariaZélia, ambos na cidade de São Paulo. Faltando poucos meses para fim de sua pena, foi transferida para o Hospital Cruz Azul, também na cidade de São Paulo e lá fugiu. Foi para o Rio de Janeiro, permanecendo até o fim de 1937. Após a instalação do Tribunal de Segurança Nacional, enfrenta novamente um processo pela procuradoria, sendo condenada a dois anos e meio de prisão. Foi solta em 1940, dois meses após ter cumprido a pena.

Nas pesquisas de Palamartchuk, não foi encontrado no processo de Pagu, a documentação da denúncia e nem da citação, mas há uma autuação feita por uma diligência da DESPS, na casa de Patrícia Galvão, no dia 20 de abril de 1938, no qual foi encontrada uma arma. Esta arma teria sido o motivo tanto da acusação, quanto da sua condenação, pois a “lei que institui o TSN há uma afirmação de que caso o acusado fosse encontrado com arma na mão por ocasião de insurreição armada, a acusação se presume provada” (*Ibid.*, p.65). Porém segundo Palamartchuk, esse não teria sido exatamente o caso de Pagu, “mas foi essa a prova forjada pela acusação para lhe imputar o crime de conspiração contra a ordem política e social” (*Ibidem*).

A militância de Nise da Silveira, se inicia desde o começo dos anos 1930, pois de acordo com Palamartchuk (2003), a médica assinou o “Manifesto dos Trabalhadores Intelectuais do Povo Brasileiro”, juntamente com a assinatura de mais vinte signatários, “entre os quais jornalistas, médicos, advogados e romancistas, residentes no Rio de Janeiro e em São Paulo.” (PALAMARTCHUK, 2003, p. 54) No que diz respeito ao conteúdo, o manifesto declarava a

União Soviética como uma sociedade capaz de suprimir o desemprego, elevar o nível de vida dos trabalhadores, eliminar os antagonismos entre a cidade e o campo, estimular um “prodigioso desenvolvimento cultural” e obter “êxito formidável” na execução do primeiro plano econômico. (*Ibidem*)

A polícia política investigou os assinantes do manifesto e “os considerou “suspeitos” de envolvimento com os movimentos políticos ilegais.” (*Ibidem*). A partir dos levantes comunistas de novembro de 1935, os departamentos de ordem política e social abriram prontuários sobre

grande maioria desses signatários.

Em sua pesquisa pelos prontuários e dossiês dos DEOPS-SP e DOPS/DESPPS-RJ, Palamartchuk (2003), encontrou o processo de Nise da Silveira pelo Tribunal de Segurança Nacional, na qual nos revela que o já mencionado manifesto, seria uma das provas materiais que a polícia política tinha sobre a ligação de Nise com o PCB e com os levantes comunistas de 1935. Além disso, foram encontrados:

Cartas, rascunhos e anotações de pesquisas sobre filosofia, marxismo e medicina, exemplares de panfletos e jornais de várias organizações de esquerda e até um romance foram recolhidos pela polícia no dormitório de Nise da Silveira no hospital onde trabalhava, e revelaram uma mulher militante do PCB, do movimento feminista, operário e sindical. (*Ibidem*, p. 55)

Foi presa em fevereiro de 1936, no Hospício Nacional, acusada de ter pertencido à UFB e a Ala Médica Reivindicadora da ALN. Foi afirmado por ela, em depoimento à Delegacia Especial de Segurança Pública e Social, ter colaborado como médica, na UFB, na qual atendia mulheres pobres. Foi solta no mesmo dia e presa novamente em 26 de março. Permaneceu presa por 1 ano e seis meses, até fugir em agosto de 1937. Foi absolvida juntamente com os 400 presos políticos, sem processo instaurado, acusados de envolvimento com o levante de 1935, libertados por José Carlos de Macedo Soares (Ministro da Justiça e dos Negócios Interiores, no processo que ficou conhecido como a “Macedada”. Em seguida, foi expedido um novomandado de prisão, após a procuradoria apresentar uma nova autuação junto ao TSN, porém Nise já se encontrava escondida na Bahia. O processo continuou em andamento e Nise foi absolvida em 1938, porém ficou impedida de voltar a exercer a sua função no Hospício Nacional, só conseguindo retornar por volta de 1944. (*Ibidem*, p. 56)

Ao analisarmos as pesquisas de Palamartchuk sobre as trajetórias de Patrícia Galvão e Nise da Silveira, podemos perceber como algumas mulheres conseguiram transitar dentro de espaços que não lhes eram favoráveis e, de diversas formas, lhes eram hostis. A militância dessas mulheres marcadas por conflitos e tensões, nos revela o quão ativas foram e sua capacidade de agir a partir das margens, de estarem inseridas em círculos de grande influência e como utilizaram desse espaço para levantar questões sociais, política e de gênero.

### **1.1. A mulher e o PCB**

Apesar do engajamento das mulheres, elas não estavam livres da desvalorização de seu trabalho político dentro do PCB, a começar pela sua inserção que não obteve apoio por parte de alguns homens do partido. A exemplo da criação das células femininas que foram vistas por alguns companheiros como sendo desnecessária, pois não havia motivos para estabelecer uma divisão por sexo dentro do PCB e que tal ação seria prejudicial para o trabalho de organização

dentro das fábricas. Como nos relata *A Classe Operária*.

(...) existem incompreensões, ainda, no Partido, com relação ao movimento feminino, uma evidente subestimação da sua importância. O resultado é que a maioria das mulheres militantes se dedica, quase exclusivamente, ao trabalho interno do Partido, ao trabalho de finanças etc. Também existe generalizada a opinião de que o movimento feminino é de interesse exclusivo das mulheres e, por isso, o assunto não consegue, regra geral, figurar na ordem do dia da maioria dos organismos.<sup>14</sup>

Essa discussão já vinha sendo feita também internacionalmente, como podemos observar no artigo do Secretário Geral do PC Italiano, Palmiro Togliatti, em *A Classe Operária*:

Considero que aqui encontramos a maior resistência e, sem ilusões, podemos dizer que ainda não foi superada essa resistência. A maior parte das Federações (...) não compreendem ainda que o trabalho entre as mulheres é um dos objetivos centrais do Partido. (...) Deve ser travada uma luta para conseguir liquidar uma mentalidade atrasada, que prevalece ainda nas fileiras do nosso próprio Partido e que tem manifestações condenáveis de todo gênero. Trata-se essencialmente do fato de que não nos ocupamos das questões femininas, que não se põem a ordem do dia dos comitês os problemas que interessam as mulheres, que se esquece sistematicamente este trabalho e quando uma mulher se põe a fazê-lo, não nos interessa mais o que ela faz, nem lhe dá qualquer ajuda. (...) Às vezes também se notam manifestações ainda piores (...) Manifestações direi, de espírito burguês em relação as mulheres. Verifica-se o fato, que não se pode levantar os problemas das mulheres sem que, mesmo nas reuniões de elementos responsáveis do Partido, não se desvie pela piada, que é ofensiva para nossas companheiras (...) isso, porém, não deve significar que nas sessões do Partido nos devamos comportar, com relação às mulheres, de maneira incorreta, expondo-as a piadas de duplo sentido, que as humilham e ofendem. É esta posição errada que deve ser eliminada com rapidez, porque revela um grave atraso ideológico e político e porque é um obstáculo real a extensão da nossa influência entre as mulheres<sup>15</sup>

Segundo Leão (2003), não se pode afirmar que tal recusa na participação da mulher no partido, seria de todos os homens, visto que tal participação foi um incentivo do próprio PCB, que objetivava através disso a criação de uma tradição organizativa, além de ampliar as suas fileiras. Por conta disso, o PCB se propôs a esclarecer os seus membros da relevância das mulheres na luta revolucionária, condenando as atitudes hostis de alguns militantes. (LEÃO, 2003,p.71)

Mas na verdade, muito desses documentos oficiais do PCB, publicados na imprensa, eram escritos pelas mulheres, embora muito deles não fossem assinados por elas. Como afirma Zuleika Alambert:

O machismo imperava, e isto aparecia, nitidamente, na divisão dos trabalhos. As mulheres atuavam como datilógrafas, taquígrafas nas reuniões do Partido. Serviam cafés, cozinhavam, limpavam os chamados 'aparelhos'. Nas comissões políticas de trabalho eram geralmente eleitas para as comissões gerais, ou seja, aquelas onde cabia de tudo. Para representar o Partido nos Congressos Internacionais jamais eram eleitas e assim por diante.<sup>16</sup>

<sup>14</sup> Condições favoráveis para a mobilização das mulheres. *A Classe Operária*, Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1946. Ano 1, n.39, p. 4

<sup>15</sup> TOGLIATTI, Palmiro. O trabalho feminino é um dos objetivos centrais do partido. *A Classe Operária*, Rio de Janeiro, 08 de março de 1947. Ano 1, n.54, p.5

<sup>16</sup> Entrevista de Zuleika Alambert, concedida a Maria Luísa Gonçalves de Abreu, no ano de 2004 apud ABREU,

Tais documentos do partido de incentivo a participação da mulher, se deve por pressão das próprias militantes, na qual faziam críticas a subestimação de seus trabalhos por parte dos companheiros do PCB, como podemos observar no discurso de Iracema Ribeiro no IV Congresso do Partido Comunista Brasileiro:

Insatisfatória vem sendo ainda a maneira do nosso Partido levar o Programa às massas femininas. O nosso trabalho tem se limitado a distribuição de folhetos com o Programa ou a realização de palestras, sem a preocupação de levantar com vigor e clareza as reivindicações específicas e mais sentidas da mulher, vítima de discriminação econômica, das desigualdades sociais e jurídicas e mesmo de preconceitos feudais e burgueses, conforme assinala, com justeza, o camarada Prestes em seu Informe a este Congresso. Tais debilidades devem-se, fundamentalmente, ao fato de que existe em nosso Partido, das direções às bases, incluindo até o Comitê Central, uma profunda subestimação pelo trabalho feminino. (...) Toda esta subestimação é de origem ideológica. É comum ainda entre grande número dos nossos companheiros a maneira senhorial de tratar as camaradas. O trabalho de ganhar milhões de mulheres para o Programa só poderá se desenvolver com pleno êxito quando deixar de ser apenas tarefa das Seções do trabalho feminino e das Organizações de Base femininas e for incluído entre as tarefas permanentes e diárias de todos os organismos do Partido, desde os Comitês Regionais aos Comitês Distritais. Isto é particularmente verdadeiro tratando-se das responsabilidades e das tarefas das Organizações de Base do Partido, especialmente das Organizações de Base de empresa. (...) Na verdade, a promoção de quadros femininos em nosso Partido ainda se processa de maneira muito lenta. As nossas direções ainda procuram ater-se as alegações de timidez das camaradas, ou a problemas de outra ordem, sem promovê-las com audácia.<sup>17</sup>

Dito isso, podemos observar que, embora o PCB permitisse e incentivasse a participação da mulher internamente, essa participação se propagou através de trabalhos considerados femininos como o de assistencialismo, sem que lhes permitissem cargos de grande destaque. Apesar de, nas ruas, elas atuarem de forma direta e expressiva, em palanques de comícios e em debates e recrutando outras mulheres para o PCB, de acordo com Viviane Leão (2003), as tarefas que mais exigiam das mulheres eram as arrecadações de fundos para o partido para o custeio de viagens, publicação de panfletos, livros, informes, imprensa partidária, como também abrigo e ajuda para companheiros que se encontravam na ilegalidade. Não haver equidade de gênero nos cargos de liderança não significa dizer, de modo algum, que a atuação feminina não fora importante para o partido, pois diversos foram as contribuições das militantes mulheres.

Algumas contribuíram intelectualmente para a análise dos problemas sociais. Colaboraram no debate acerca das questões ligadas ao combate ao fascismo, à realização da reforma agrária etc. Lançaram mão de estratégias e táticas próprias, tanto na luta pela emancipação feminina, quanto pela eliminação de outras desigualdades sociais. (ALVES, 2015, p.85)

Outra controvérsia era a utilização da chamada “tática dois” que, como nos explica

---

Maira Luísa Gonçalves de. *Feminismo no Exílio: o Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris e o Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris*. 2010. Dissertação (Mestrado em História, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 2010

<sup>17</sup> RIBEIRO, Iracema. O Trabalho Feminino – Dever de Todo o Partido. *Suplemento da Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1954. p.2

Iracélli Alves (2015), a partir do depoimento de alguns militantes, em particular de Patrícia Galvão, tratava-se de usar as mulheres, por meio de atividades sexuais, para obter favores e/ou informações. Patrícia Galvão, foi uma das mulheres que sofreu tal imposição.

Estou de acordo com o sacrifício total, se se tratasse de uma coisa que valesse a pena, se se tratasse de vidas, num momento de luta armada, em plena revolução. Mas assim, para obter ridículas informações, que nem sequer se sabe se serão aproveitadas, eu acho que é exigir demais das mulheres revolucionárias. Eu não sou prostituta. [...] Pensam que uma aventura a mais ou a menos para mim não tem importância nenhuma. Uma mulher de pernas abertas: é o que vocês pensam (GALVÃO *apud* ALVES, 2015, p. 55).

Esse relato de Patrícia Galvão pode evidenciar que, por defenderem a emancipação e a liberdade de seus corpos, estavam sujeitas a receberem investidas sexuais de todos os lados, inclusive dos próprios companheiros de partido.

É interessante analisar como se davam as construções sociais e as relações de gênero dentro do partido, pois o PCB, ao passo que lutava contra o capitalismo, ainda assim reproduzia valores, práticas e concepções da sociedade capitalista, como a marginalização e subvalorização da mulher.

## 1.2. A moral comunista e a mulher

Com o advento da clandestinidade e, conseqüentemente, as perseguições sofridas, os comunistas lutavam cada vez mais para difundir suas ideias e programas, esforçando-se para exaltar suas qualidades e valores, numa tentativa de reverter o imaginário anticomunista que fora criado sobre suas práticas e atitudes. Segundo Motta, em 1954, o PCB publicou no jornal *A Voz Operária*, uma reformulação dos estatutos do partido, em meio a preparação do seu IV Congresso: “Os estatutos tinham um item especificamente sobre a conduta moral dos militantes. Nele se estabeleciam as falhas de comportamento consideradas inaceitáveis, passíveis de punição com a expulsão”. (MOTTA, 1996, p.75). Nesta reformulação, o artigo que diz respeito a conduta moral dos militantes, é o artigo de Nº 46, assim escrito:

As organizações do Partido de todos os graus poderão tomar medidas disciplinares, sempre sujeitas à aprovação do organismo imediatamente superior e de acordo com as circunstâncias concretas, contra os infratores da moral do partido (mentir ao partido, faltar à honestidade e sinceridade para com o partido, incidir em calúnias, dissoluções de costumes, etc.) e em virtude de faltas que o partido considere criminosas como o não cumprimento das resoluções dos organismos superiores, a violação do Programa e dos Estatutos do partido, ou ainda conduta que prejudique o prestígio e a influência do partido no seio da classe operário e do povo.<sup>18</sup>

Até então, segundo o historiador, a expressão ainda não tinha sido usada na imprensa

<sup>18</sup> *Voz Operária*. 06/02/1954, p.5 *apud* MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O PCB e a Moral Comunista. *LOCUS*: revista de história, Juiz de Fora, vol. 3, nº 1, pp. 69-83.

comunista, sendo bastante debatida pelos leitores da *Voz Operária*, que enviaram cartas ao jornal questionando o que seria a moral comunista. “Em junho de 1954, a *Voz Operária*, alegando responder à missiva de um leitor, publicou uma extensa matéria sobre o assunto. O texto provavelmente foi elaborado por instâncias partidárias superiores, devido ao seu teor normativo” (MOTTA, 1996, p.76). Na matéria, fica definida a moral comunista:

A moral Comunista, proletária, é um conjunto de regras e normas que determinam a conduta dos militantes do partido em sua luta pela vitória da revolução. O comunista parte do princípio de que é moral tudo aquilo que contribui para a destruição da atual sociedade. Seguir, portanto, os preceitos da moral comunista, é, em primeiro lugar, enquadrar a nossa vida de acordo com os interesses do povo brasileiro, do partido e da revolução<sup>19</sup>

Ainda no mesmo texto, segundo Motta, foram abordados alguns pontos da moral comunista, cujo principais preceitos eram:

(...) dedicar-se sem limites ao partido; amar o povo brasileiro; respeitar os povos de todos os países; ser destemido nas lutas pelos objetivos partidários; ser abnegado; ser modesto; demonstrar espírito de disciplina; desenvolver a camaradagem; ser honesto e sincero para com o partido; ser otimista e confiar na vitória da revolução (MOTTA, 1996, p.77).

Além de uma série de normas relacionadas ao casamento e a promiscuidade, incentivando os militantes a buscarem relações sólidas, duradouras e monogâmica, evitando os impulsos sexuais desmedidos. (MOTTA, 1996, pp. 79-81)

Como afirma Jorge Ferreira (2002), o militante deveria se esforçar ao máximo para ser um exemplo, não só na vida privada, como no trabalho, na família e na sociedade, demonstrando, além de consciência política, uma conduta moral exemplar.

Diante disso, a moral comunista deveria ser exaltada perante as degradações da sociedade capitalista. “As várias formas de degradações para os comunistas correspondiam aos vícios disseminados pelo capitalismo, como a questão do jogo, do alcoolismo, da prostituição” (PIRES, 2010, p. 224). Os comunistas caracterizavam tais desvios como costumes e práticas pequeno-burgueses. Entretanto, como observa Jorge Ferreira (2002, p. 124), a moral comunista acabou por reproduzir basicamente as mesmas duplicidades de valores da moral burguesa. Para Motta, isso acontece porque havia uma certa influência da moral em vigor na sociedade sobre o PCB, fazendo com que o seu moralismo se aproximasse, em alguns aspectos, dos comportamentos padrões a moral dominante. (MOTTA, 1997, p.82)

Com as mulheres não era diferente. Elas tinham que seguir os mesmos códigos de conduta de seus companheiros homens, com relação à moral comunista e à abdicação e dedicação total ao partido. Entretanto, para elas era acrescentado normas e deveres relacionados à maternidade e a questões domésticas, devido sua condição de gênero e dos preconceitos

---

<sup>19</sup> *Idem, ibidem.*

sociais atribuído à figura feminina da época. “Esse esforço supunha a máxima meticulosidade da vida cotidiana nas relações com a família, trabalho e amigos, com o objetivo de zelar pela sua reputação” (LEÃO, 2003, p. 126) As virtudes da mulher comunista teriam que ser as mais elevadas. Deste modo, seria então, a conduta exemplar imposta com mais rigor às mulheres?

Mesmo que aos olhos de hoje um modelo feminino como este tenha um caráter conservador, exaltando a maternidade, abnegação, a moralidade exemplar, e o sacrifício da revolucionária, é necessário considerar que o projeto comunista incentivava a participação da mulher na luta política, novidade para a época, ajudando-a a libertar-se da opressão social e a afirmar-se como mulher e cidadã. (FERREIA, 2002, p. 130)

Entretanto, ao contrário do que afirma Jorge Ferreira, a participação das mulheres na política não era novidade para a época, pois de acordo com Iracelli Alves, para além da influência do PCB no movimento feminino, elas próprias construíram um movimento “a partir das conexões possíveis e das escolhas que julgavam mais adequadas às suas inclinações político-ideológicas, à forma como liam o mundo, o lugar periférico que ocupavam nas relações de poder e às suas expectativas de liberdade” (ALVES, 2020, p. 102-103).

Ao fazer uma resenha de “Prisioneiros do Mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil” (2002) de Jorge Ferreira, Palamartchuk (2004), observa que sua obra é inovadora em vários sentidos, embora tenha se baseado, como fonte principal, apenas as autobiografias de antigos militantes.

Ao trazer a questão da mulher militante, Ferreira discute a presença das mulheres no PCB e como ela foi vista pelos seus militantes, além de abordar assuntos como a maternidade, os valores morais e a abnegação, que segundo ele, eram sacrifícios feitos pelas mulheres em nome da causa revolucionária. Tais virtudes eram exaltadas como modelo exemplar da mulher comunista. Outro questionamento é a respeito da hierarquia sexual, que segundo Ferreira, as mulheres abraçaram os papéis que os comunistas esperavam delas, muitas vezes reforçando e reproduzindo “os lugares onde eram aceitas suas intervenções: no interior da família (nuclear ou comunista), como símbolo de abnegação e como guardiã dos valores morais e das regras e condutas de comportamento comunistas” (PALAMARTCHUK, 2004, p. 280).

Tendo em vista tais considerações, Palamartchuk levanta um questionamento sobre como foi vivenciado pelas mulheres militantes “comuns” a “tensão entre a participação política (que representava certa “quebra” de código de comportamento) e a reprodução das hierarquiassexuais” (*Ibidem*) O que fica bastante difícil de se entender na obra de Jorge Ferreira, já que eleas inserem em um lugar onde suas ações são realizadas conforme o que era esperado delas, sem levar em conta suas próprias experiências.

### 1.3. A grande imprensa e a visão da mulher comunista

Se dentro do partido, as mulheres comunistas eram tidas como virtuosas, fora dele, elas eram malvistas pela sociedade. Segundo Letícia Pires (2010), no imaginário anticomunista, elas eram influenciadas e se deixavam levar pelos discursos do perigo vermelho, ou de falta de valores morais, pois eram vistas como promíscuas.

(...) O discurso anticomunista ressaltava particularmente a falta de valores morais dos revolucionários, sugerindo a promiscuidade e a licenciosidade sexual no interior do partido. As mulheres, sobretudo as jovens militantes, tinham que suportar as difamações acintosas sobre a sua vida privada e principalmente sobre a sua conduta sexual. (FERREIRA, 2002, p. 130-131)

O discurso de ingenuidade disseminado pelo anticomunismo, deslegitima a escolha por vontade própria das mulheres em filiar-se ao partido, pois assim como os homens, as mulheres também se encontravam insatisfeitas com as desigualdades e explorações presentes na sociedade capitalista, e encontravam no PCB o respaldo necessário para lutar por um mundo melhor.

A grande imprensa tentava a todo custo, afastar as mulheres das comunistas destruidoras de lares, da moral e dos bons costumes. Por conta disso, foram alvo de difamações, perseguições e preconceitos, acusando-as a todo momento de serem mulheres sem moral e sem valor. Podemos notar que, para além do “perigo vermelho”, isso está relacionado ao fato da mulher ter saído da esfera privada, da casa, dos filhos, do marido e das questões domésticas em geral, e ter começado a se inserir na vida pública e, principalmente, na vida política, o que não era comum à época, pois, segundo Iracélli Alves, após o fim da Segunda Guerra Mundial até 1964, houve mudanças no âmbito social, político e cultural e o Brasil “passou, do ponto de vista econômico, por uma fase de aceleração do desenvolvimento, marcado pelo avanço do processo de urbanização e industrialização, especialmente durante o governo de Juscelino Kubistchek (1955-1960)” (ALVES, 2020, p. 89). Tais mudanças refletiram:

(...) no *status* socioeconômico das mulheres de classe média que vivenciavam mais diretamente o processo de urbanização. O incremento do setor secundário e as mudanças na produção eliminaram muitas das ocupações artesanais ou domésticas; ao mesmo tempo em que surgia para elas novas oportunidades de emprego no setor terciário. Ademais, cresceu a demanda dos trabalhos considerados “femininos”. As mudanças impactaram nas expectativas dessas mulheres, principalmente as casadas que começaram a construir suas carreiras profissionais (*Ibid.*).

Receber apoio do PCB e juntar-se a ele fez com que essas mulheres recebessem ainda mais retaliações. Muitas delas tiveram que romper com a família e com os amigos por falta de aceitação. Porém, isso não as parou e nem tampouco as desanimou, muito ao contrário, as mulheres foram ganhando cada vez mais força dentro da vida política, recrutando outras

mulheres para lutarem ao lado delas, principalmente nas Uniões Femininas, principal veículo de sua organização. Apesar dos ataques recebidos, a inserção da mulher no partido, trouxe grandes benefícios para elas, pois a partir da influência e das referências - principalmente política - que o PCB exercia sobre elas, permitiu que, não só interpretassem a realidade social na qual estavam inseridas, como também as incentivou na luta pela libertação feminina.

#### 1.4. O perfil da mulher comunista

Mas qual era o perfil dessas mulheres? Viviane Leão (2003) em sua Dissertação, traça um breve perfil das mulheres comunistas, a partir de uma análise feita nos arquivos do DEOPS<sup>20</sup>, a respeito dos Comitês Municipais do PCB, bem como nos Dossiês Individuais, onde constam os nomes dos militantes do partido, entre os anos 1930 a 1980, juntamente com ano em que foram fichados. Primeiramente foram analisados os arquivos referentes ao Estado do Paraná, e só depois em outros Estados, para que se possa ter uma breve noção sobre quem eram essas mulheres, sua profissão, classe social, estado civil etc. Segundo Viviane Leão,

Nas 68 fichas e dossiês consultados foi possível constatar que durante o período pesquisado, a idade das comunistas era desde 18 anos (a mais nova) até 53 anos (a mais velha). Vinte mulheres trabalhavam como domésticas e treze dividiam-se em: 02 professoras; 02 donas de casa; 01 enfermeira; 01 cirurgiã-dentista; 01 costureira; 01 bancária; 01 operária; 01 telegrafista; 02 lavradoras e 01 estudante. No que tange ao estado civil, havia praticamente o mesmo número de casadas que solteiras (nove contra sete). Somente uma foi registrada como viúva. Sete destas mulheres assumiram cargos de chefia em suas Células e três foram indicadas como candidatas a cargos públicos durante o período de legalidade. Sabe-se de acordo com relatórios policiais e depoimentos prestados, que 27 mulheres tinham parentesco de primeiro grau com militantes do PCB. As lacunas nestes documentos não permitiram precisar o grau de instrução das militantes do Paraná. Já com relação às comunistas de outros estados, levantou-se o nome de 36 mulheres com uma faixa etária que compreendia 22 a 49 anos. Praticamente todas eram casadas, sendo que 14 se casaram com companheiros de Partido. Deste universo, apenas 03 optaram pela união livre. Trabalhavam como profissionais liberais 17 mulheres; 08 como operárias; 05 como costureiras, e 01 como lavradora. Destas, 03 representaram o PCB no legislativo durante o breve período de legalidade. O espaço de militância geralmente não coincidia com suas cidades de origem; desta forma, optou-se por priorizar os Estados onde as comunistas exerceram suas atividades partidárias. Assim sendo, pôde-se constatar que 15 militaram no Distrito Federal, hoje Rio de Janeiro; 06 em São Paulo; 02 em Pernambuco; 02 na Bahia; 02 no Rio Grande do Sul e 02 dividiram-se entre São Paulo, Distrito Federal e Rio Grande do Sul. (LEÃO, 2003, p. 17-18)

Dito isso, podemos notar que diversas eram as mulheres que compunham o PCB eram letradas, domésticas, donas de casa, operária, camponesas, intelectuais etc. Todas elas, diferentes entre si, porém com os mesmos objetivos: a luta contra o capitalismo e a conquista da emancipação feminina. Dentro dessa dinâmica, as mulheres mais instruídas se uniam em

<sup>20</sup> Dossiê n°. 0779 - Topografia n°. 89: Documentos anexos às fichas individuais *apud* LEÃO, Viviane Maria Zeni. *Mulheres e o Imaginário Comunista: (Uma nova história; uma história nova) 1945- 1956*. Dissertação (Mestrado em História). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. 2003. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003

círculos de leitura, para elevar o nível político e ideológico de suas companheiras. As obras escolhidas eram: “*O Manifesto Comunista* de Marx e Engels, *O Abecedario da Rússia* de Ilin, *A Mãe* de Gorki, *O Socialismo e a Guerra*, de Lênin, obras biográficas de Stálin entre outras.” (*Ibid.*, pg.114). No entanto, algumas companheiras não sabiam ler. Logo, o foco dessas reuniões passou a ser na alfabetização dessas mulheres.

Outra questão a ser levantada é o grau de parentesco dessas mulheres com os militantes que, segundo Viviane Leão, muitas dessas mulheres eram mãe, filhas, esposas, irmãs etc. dos homens do partido, ou quando não, se casavam com os militantes. Diante disso, a autora faz o seguinte questionamento: “Eram então estas mulheres comunistas? Ou apenas mulheres *de* comunistas?” (LEÃO, 2003, p.118). Para a autora, o que se sucedia era que grande parte das militantes vinham de família operária, camponesa, ingressando desde muito novas no mercado de trabalho, para ajudar no sustento de sua família. Diante disso, elas mantinham bastante contato e convivência com os comunistas. Não somente os membros de sua família, mas também amigos em comum e colegas de trabalho. Por outro lado, mulheres que não tinham nenhum grau de parentesco com militantes, também se filiavam ao partido.

(...) pôde-se constatar que se por um lado o convívio familiar com homens e mulheres já integradas à organização possibilitava a estas mulheres vivenciarem mesmo que indiretamente o conturbado cotidiano imposto a todas, envolvendo-as de tal forma que muitas seguiram os passos de seus familiares, por outro lado, àquelas que não possuíam quaisquer vínculos com os membros do PCB mostravam-se dispostas a ouvirem ou lerem as suas mensagens, optando após por aderir a um Partido apresentado como o *único* capaz de solucionar os problemas que afligiam a todas, estendendo-se também a todos os brasileiros. (*Ibid.*, p.119)

Para além disso, como foi dito antes, o partido exigia grande dedicação de seus participantes, isso incluía o deslocamento dos militantes para outros bairros, empresas, células ou sindicatos.

Estes deslocamentos permitiam em alguns casos seguidos encontros entre os militantes, favorecendo assim o despertar de afinidades e possíveis atrações. Além do mais, a clandestinidade e consequente tarefa de abrigar e proteger os camaradas mais visados pela polícia política possibilitava, devido à longa convivência sob um mesmo teto o estabelecimento de sólidos laços de amizade como também permitia a união de casais, como o exemplo de Luís Carlos Prestes e Maria Ribeiro. Em outras palavras, as exigências partidárias criavam uma convivência diária na qual se estabeleciam laços de camaradagem, permitindo em um primeiro momento justificar a opção das militantes em se unirem a companheiros de Partido. (*Idid.*, p.120)

Outra justificativa para os casamentos entre os militantes, segundo Viviane Leão (2003), seria a propaganda anticomunista, que ao associar a imagem dessas mulheres a libertinagem e a promiscuidade, as difamavam, dificultando qualquer tipo de aliança conjugal fora do partido.

### **1.5 Alina Paim e Jacinta Passos: trajetórias e o PCB**

Dentre diversas notáveis mulheres que atuaram no PCB, daremos destaque aqui às trajetórias das escritoras Alina Paim e Jacinta Passos, cuja história se assemelha e se cruza diversas vezes.

Ambas nasceram no Nordeste, Alina na cidade de Estância – Sergipe; Jacinta em Cruz das Almas - Bahia. Desde cedo iniciaram suas carreiras, tanto como escritoras, quanto militantes, tornando-se conhecidas e prestigiadas no meio em que circulavam, além de se relacionarem com intelectuais de grande influência. Ao se juntarem ao partido, enfrentaram perseguições, ataques e até mesmo prisões. Encontraram na literatura, o seu instrumento de expressão, sendo Alina Paim no romance e Jacinta Passos na Poesia.

No que diz respeito as suas obras, ambas abordaram várias questões sociais presentes não só na época, como hoje em dia, certamente influenciada por suas vidas política, gerando críticas tanto positivas, com negativas. Dentre as semelhanças presentes em suas trajetórias, encontra-se a saúde mental, pois ambas foram internadas em manicômios, sendo Jacinta de forma permanente até o fim de sua vida.

Tais aspectos serão abordados com maior precisão nos capítulos seguintes, nos quais veremos uma breve trajetória de suas vidas no campo político e literário.

## **CAPÍTULO II - ALINA PAIM: A ROMANCISTA E A LITERATURA DA REVOLUÇÃO**

### **2.1 Primeiros passos**

Alina de Andrade Leite, filha do caixeiro viajante Manoel Vieira Leite e Maria Portela de Andrade Leite, nasceu em 10 de outubro de 1919, na cidade de Estância, localizada no Sertão de Sergipe<sup>21</sup>. Perdeu a mãe aos 5 anos de idade, que morreu devido a uma tuberculose. Muda-se para Simão Dias, para a casa de seus avós paternos, para receber o cuidado de suas três tias solteiras. Inicia seus estudos na Escola Menino Jesus, passando depois para o Grupo Fausto Cardozo, dando início a sua educação católica. Aos 9 anos, perde sua tia Laurinha, tia que era como uma mãe para ela. Em seu leito de morte, tia Laurinha determina que Alina seja levada para receber educação no Convento de Nossa Senhora da Soledade em Salvador. Ali permaneceu até completar sua formação normal. (CARDOSO, 2010, p. 125)

Foi no convento que despertou na romancista o seu talento para a escrita. “Aos 12 anos a pequena Alina já escrevia para o jornalzinho do grêmio estudantil *Espadachin*, sob o olhar da Madre Superiora, sempre muito rígida nas correções.” (Ibid., p. 126). Após sua formação, passa a dar aulas em uma escola pública, localizada na periferia de Salvador. É nessa escola que passa a conhecer de perto a pobreza e os desafios da educação no Brasil. (*Ibidem*)

Foi internada em um sanatório para doentes mentais, por sua família, por estar passando por um momento de profundo *stress*, supostamente devido a alguns conflitos com seus familiares. Porém, as razões que levaram Alina a ser internadas, não foram ainda devidamente investigadas. Lá permaneceu internada por 3 meses, sendo tratada pelo médico Isaías Paim, com o qual iniciou um romance e casou-se.

### **2.2 Início da carreira e da vida política**

Após o casamento, torna-se Alina Leite Paim e muda-se com o marido para o Rio de Janeiro, por volta de 1943, pois a cidade “oferecia muitas oportunidades de trabalho tanto para o jovem médico quanto para sua esposa.” (CARDOSO, 2010, p.126) Porém, Alina ficou impedida de lecionar na cidade, pois seu diploma só era válido no Estado da Bahia. Entretanto,

---

<sup>21</sup> Essas informações foram coletadas por Ana Maria Leal Cardoso e estão disponíveis no artigo CARDOSO, Ana Maria Leal. Uma romancista esquecida nos labirintos do tempo. *Revista ALETRIA*, Nº 2- V. 20. 2010 – Maio - Ago.

a jovem conseguiu desempenhar outras atividades, como afirma Cardoso:

(...) a convite de Fernando Tude de Souza, diretor da Rádio do Ministério da Educação e Cultura, começou a escrever para o programa infantil *No reino da alegria*, dirigido por Geni Marcondes, tendo colaborado com esse projeto de 1945 a 1956, escrevendo aulas para crianças e adolescentes. (*Ibidem*)

No Rio de Janeiro, a escritora conheceu o escritor Graciliano Ramos<sup>22</sup>, que mais tarde viera a tornar-se seu amigo. Na ocasião, Alina entregou seu livro recém escrito *Estrada da Liberdade*, com a intenção de que Graciliano avaliasse se seu livro era mesmo um romance:

Qual foi sua surpresa ao ouvi-lo dizer: “Alina é um romance, sim, e dos bons, porém falta-lhe aprimorar a técnica.” Segundo a romancista, naquele momento nasceu uma grande amizade entre ambos, capaz de despertar ciúmes não apenas no mundo literário, mas em alguns familiares e amigos. Iniciaram-se as aulas de técnicas literárias na casa de Graciliano, de modo que ele tornou-se responsável pela correção e leitura dos seus dois romances seguintes. Respalhada pela opinião de Graciliano, Alina tratou de arranjar um editor ligado ao Partido Comunista, estreando na carreira literária em 1944. Sua amizade, com aquele a quem chamou carinhosamente de “Mestre Graça”, rompeu-se nove anos mais tarde, por ocasião de sua morte. (*Ibid.*, p. 127)

Seu primeiro livro é publicado em 1944, pela editora Leitura, sendo muito bem recebido tanto pelo público, quanto pela crítica, tendo sua primeira edição esgotada em apenas quatro meses após o lançamento. (ALMEIDA, 2008. p. 169). No romance, a autora deixa transparecer sua experiência como professora de uma escola periférica e as dificuldades ali encontradas. Embora o romance prometa ser uma história de acusação, ele é passado de uma maneira fraternal e efetiva, como podemos ver na crítica feita por Raymundo Dantas para o Jornal *Vamos Ler!*

Alina Paim é uma das estreadas de dezembro de 1944. O seu romance, "Estrada da Liberdade", além de ser a história de uma experiência vivida por uma professora, é uma profunda e forte mensagem de fraternidade, além de ser um livro de acusação. Naturalmente que com alguns defeitos, e defeitos de estreada, poderá marcar o começo de uma época para a literatura de ficção no Brasil. Não é absolutamente um livro definitivo, mas é um romance sério, que não deixa dúvidas sobre a posição da escritora diante da vida e dos desajustamentos sociais.<sup>23</sup>

Os romances de Alina Paim abordam, em suas narrativas, temas como política, educação e a questão da mulher, suas opressões, suas lutas e dificuldades perante uma sociedade machista, colocando-as como protagonistas em suas narrativas. Ao escrever sobre a classe operária, a autora faz sempre uma crítica ao poder e à opressão sofrida pelos mais fracos. Seus

<sup>22</sup> Graciliano Ramos de Oliveira (1892-1953) foi um escritor, político, cronista e jornalista brasileiro consagrado. Nasceu na cidade de Quebrangulo- AL e se elegeu prefeito da cidade de Palmeira dos Índios, no ano de 1927. Em 1936, foi preso em Maceió e levado a Rio de Janeiro, sobe acusação de fazer parte da militância comunista, porém só se filiou ao PCB no ano de 1945. Tourou-se também presidente da Associação Brasileira de Escritores. Dentre suas diversas obras, a mais conhecida é *Vidas Secas*. (BAUER e LIMA, 2012, s/p)

<sup>23</sup> DANTAS, Raymundo Souza. O primeiro romance de Alina Paim. *Vamos Ler!*, Rio de Janeiro, 06 de dezembro de 1945. Ano 9, n. 488, p. 45

livros também fazem parte de sua militância política.

Há nas entrelinhas do texto paimiano uma preocupação feminista que se traduz tanto pela denúncia à submissão e passividade da mulher quanto pela criação de mulheres rebeldes, independentes, capazes de romper com as normas patriarcais, enredadas em discursos que mostram suas lutas por espaços mais democráticos e inclusivos. As obras desta romancista fogem à tradição literária feminina, em que autoras, dentre elas destacamos Raquel de Queiroz, escrevem como homens, ou adotam o ponto de vista masculino. Alina fala do “lugar” da mulher, conquistado a partir da sua luta. (CARDOSO, 2010. p. 4)

A escritora filiou-se ao Partido Comunista do Brasil (PCB) dois anos após sua estreia como romancista, que, de acordo com o Serviço Nacional de Informações (SNI), aconteceu na data de 21 de abril de 1945. Na ocasião “recebeu o “carnet” de membro do partido, das mãos do próprio secretário geral, Luiz Carlos Prestes, em solenidade realizada no Teatro Ginástico”<sup>24</sup>. Sua militância no partido trouxe novas possibilidades para a carreira da jovem Alina, então com 27 anos, “como a publicação de alguns de seus romances na editora do partido, Vitória<sup>25</sup>, tanto no Brasil quanto no exterior, notadamente nos países socialistas ou naqueles com partidos comunistas tradicionalmente fortes como a Alemanha.” (OLIVEIRA, 1998, pg. 19)

Em toda a sua carreira, a romancista escreveu diversos livros, sendo bastante aclamados pela crítica. Sua obra completa é composta pelos títulos: *Estrada da Liberdade* (1944), *Simão Dias* (1949), *A Sombra do Patriarca* (1950), *A Hora Próxima*, (1955), *O Sol do Meio-Dia* (1961), *O Sino e a Rosa* (1965) *A Chave do Mundo* (1965), *O Círculo* (1965) e *A Correnteza* (1979).

O romance *O Sol do Meio-Dia* obteve o primeiro prêmio da Associação Brasileira do Livro no ano de sua publicação, sendo também premiados os volumes que compõem a "Trilogia de Catarina" - *O Sino e a Rosa*, *A Chave do Mundo*, *O Círculo* - de 1965. Agraciados com o primeiro prêmio no Concurso Walmap, patrocinado por José Luiz de Magalhães Lins. Quanto à tradução de suas obras, *A Hora Próxima*, (...) teve edições em russo (1957) e em chinês (1959); e *O Sol do Meio-Dia* foi traduzido para o alemão e o búlgaro. (OLIVEIRA, 1998, pg. 20)

A escritora obteve bastante visibilidade tanto na imprensa partidária, como também na grande imprensa ao lado de grandes escritores da época, principalmente no ano de 1951, no qual encontrava-se ativa na escrita de seu novo livro. A escritora esteve presente em diversas atividades do partido e na Associação Brasileira de Escritores (ABDE)<sup>26</sup>, participação que será

<sup>24</sup> Elementos subversivos do SIA Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro, 10 nov., 1966. Arquivo Nacional, Serviço Nacional de Informações. ID. C0084001-1983

<sup>25</sup> Editorial Vitória, foi fundada em março de 1944, no Rio de Janeiro e Possuía vínculo com o PCB. Mantinha relações com gráficas, livrarias e vendedores, além de contar com funcionários em seu quadro, porém ao que tudo indica, era uma livraria de porte médio. (CARMO, 2007, p. 54)

<sup>26</sup> Fundada em 1942, no Rio de Janeiro. A Associação foi criada com o intuito de unir os escritores conta a falta de liberdade de expressão, durante o Estado Novo. Dentre seus fundadores, vemos nomes bastante conhecidos da literatura brasileira, como Otávio Tarquínio de Sousa, Sérgio Buarque de Holanda, Astrojildo Pereira, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Sérgio Milliet, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Érico Veríssimo. (MELO, 2011, Pg. 711)

melhor abordada mais à frente. Durante a pesquisa no jornal *Imprensa Popular*, foram encontradas diversas assinaturas de Alina Paim em manifestos na luta pela paz, mostrando o engajamento político da escritora.

Ainda no ano de 1951, Alina Paim foi eleita para o Conselho Fiscal da ABDE na chapa de seu amigo Graciliano Ramos, que na época, acabava de vencer a eleição como presidente da associação. O cargo foi uma homenagem à romancista, devido a perseguição que sofreu pelo juiz da cidade de Cruzeiro – caso esse que será abordado mais à frente.<sup>27</sup>

A escritora já fazia parte da associação desde 1945. Encontramos o seu nome, representando a delegação da Bahia, e o de Jacinta Passos nos anais<sup>28</sup> do I Congresso Brasileiro de Escritores, ocorrido em São Paulo no início daquele ano. “Um dos temas centrais debatidos nesse encontro será o papel do escritor no mundo contemporâneo, especialmente na defesa dos princípios democráticos”. (MELO, 2011, p. 712) No que diz respeito à composição das delegações, pode-se notar a existência de uma diversidade política entre os escritores. Como afirma Palamartchuk, havia uma bancada denominada comunista e outra democrática, esta “constituída por socialistas e democratas independentes que formariam futuramente algumas pequenas organizações como, por exemplo, a Esquerda Democrática, a União Democrática Socialista, o Partido Socialista Brasileiro (...) a União Democrática Nacional - formada no mês seguinte da realização do Congresso” (PALAMARTCHUK, 2013, p.118). Tal fato é observado e afirmado também pelo escritor Jorge Amado que esteve presente no congresso. Segundo ele, a bancada democrática tinha o apoio de alguns comunistas que romperam com o PCB e a bancada comunista era constituída por comunistas ortodoxos.

Da primeira, constituída por liberais, democratas-cristãos e sociais-democratas, pode-se dizer ter sido o germe da UND, partido político de atuação posterior bastante dúbia, e da Esquerda Democrática (depois partido socialista). Apoiado por comunistas não alinhados (Caio Prado Jr, Mário Schemberg, que, aliais, não tardaram a se alinhar), obedecia a batuta de Carlos Lacerda. Carlos rompeu com o pecê em 1942, inicia percurso político que o levaria, em tempo relativamente curto, ao governo do Estado de Guanabara e à chefia civil do golpe militar de 1964. A segunda reunia os comunistas ortodoxos, menos numerosos, porém ativos, atuantes. Entre eles Dionélio Machado, Dalcídio Jurandir, Moacir Werneck de Castro, Barão Itararé (Aparício Torely), Raul Riff, Alina Paim. (AMADO *apud* LIMA, 2010, p. 9)

Na primeira sessão plenária, consta que Alina Paim fazia parte da Comissão de Direitos Autorais, enquanto Jacinta Passos fazia parte da Comissão de Cultura e Assuntos Gerais. A Comissão dos Direitos autorais tinha como tema de grande relevância a ser abordado a

<sup>27</sup> s/a, Eleita a nova Diretoria da A.B.D.E. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 04 de abril de 1951. Ano 4, n. 658, p.3

<sup>28</sup> *Associação Brasileira de Escritores. Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores*. São Paulo, 22 - 27/01/1945.

“melhoria nas condições profissionais e, conseqüentemente, materiais dos escritores” (LIMA, 2010, pg. 135)

Além de suas atividades como romancista, Alina desempenhou importantes atividades também como intelectual. A autora esteve presente em quatro congressos da ABDE, como representante do Estado da Bahia; “seguiu para Montevideu em 1952 como delegada na Conferência Interamericana pela Paz e, no ano seguinte, excursionou pela URSS e Tchecoslováquia junto com outros intelectuais brasileiros.” (OLIVEIRA, 1998, P. 20)

Na *Imprensa Popular*, Alina aparece como membro da comissão organizadora do IV Congresso Brasileiro de Escritores e, nessa época, pertencia à diretoria da ABDE. No Congresso, participou juntamente com Jacinta Passos e seu marido, James Amado. De acordo com o jornal *Imprensa Popular*,<sup>29</sup> o Congresso ocorreu no período de 20 a 30 de setembro de 1951, em Porto Alegre e teria como temário:

O escritor, os problemas econômicos e os direitos autorais - A defesa de cultura e a paz - O escritor e a defesa da liberdade - Problemas da difusão instrução pública - Defesa do nosso patrimônio cultural, divulgação e estudo dos elementos populares e democráticos da nossa cultura- folclore - Tendências objetivas da cultura moderna e as perspectivas de nossa atividade cultural - Questões de forma e conteúdo - Literatura Infantil - Literatura científica e didática - O jornal e a revista - Intercâmbio cultural e questões relativas a aquisição do livro estrangeiro – O livro nacional, sua defesa e divulgação.<sup>30</sup>

A partir desses temas, podemos ter uma breve noção dos assuntos que estavam em pauta nas discussões dos escritores na época, principalmente os diversos problemas políticos, culturais, sociais e profissionais existentes na vida do escritor.

O IV Congresso Brasileiro de Escritores foi bastante divulgado pela imprensa, principalmente pela partidária. O congresso reuniu cerca de 165 delegados, e foi responsável pela aprovação do 1º Congresso Brasileiro de Cinema Nacional<sup>31</sup>. Na ocasião, houve diversas tensões, pois foram rompidas frentes amplas de intelectuais que foram seladas no I Congresso. Houve muitas divergências entre intelectuais comunistas e não comunista, como também entre os próprios comunistas.

<sup>29</sup> O IV Congresso Brasileiro de Escritores, *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 18 de julho de 1951. Ano 4, n. 739, p.2.

<sup>30</sup> Temário do IV Congresso. *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1951. Ano 4, n. 765, p.9

<sup>31</sup> 165 delegados no IV Congresso Brasileiro. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1951. Ano 4, n. 806, p. 3

### 2.3 Alina Paim e a coleção *Romances do Povo*

Alina Paim foi uma das escritoras escolhida para compor a Coleção *Romances do Povo*. Trata-se de uma coleção de romances publicada entre 1953 e 1956, pela editora Vitória do Rio de Janeiro, sob a organização do escritor Jorge Amado. Composta por 20 volumes de autores de diversas nacionalidades, teve, em sua maioria, autores soviéticos. A intenção da editora era reunir “livros de vanguarda” e autores da “literatura progressista mundial” (MOTTA, 2005, p.351), com preços mais acessíveis para a população. Desta forma, tornava mais fácil a tarefa do partido de falar ao povo, não apenas com textos doutrinários, mas também utilizando a literatura. (*Ibid.*)

Para escrever *A Hora Próxima*, a autora conviveu com as mulheres durante um a greve da cidade de Cruzeiro, no estado de São Paulo, tornando a trama ainda mais realista. Por conta desse contato tão próximo com os grevistas, a jovem escritora teve ordem de prisão preventiva decretada pelo M. Juiz da Comarca em 16 de março de 1951.<sup>32</sup>

Um grave atentado contra a cultura e o pensamento democrático brasileiro acaba de se verificar, com a ordem de prisão preventiva decretada pelo juiz de direito da cidade de Cruzeiro contra a romancista Alina Paim. (...) Da última vez que Alina Paim esteve em Cruzeiro, eclodiu naquela cidade um novo movimento grevista, reivindicando os trabalhadores pagamento dos seus trabalhos atrasados. Esse movimento foi vitorioso, mas a polícia instaurou mais um processo contra os dirigentes da greve, envolvendo no mesmo a romancista Alina Paim.<sup>33</sup>

O processo contra Alina Paim causou indignação nos escritores brasileiros, pois representava uma grande ameaça à liberdade de expressão e ao direito de escrever. Ela foi defendida por vários escritores e jornalistas, que mostraram apoio e grande revolta com o ocorrido.

Graciliano Ramos, em artigo para o *Imprensa Popular*, relata: “O mais curioso é esseesquisito magistrado condenar um livro que ainda não foi escrito. (...) Se a moda pega, seremosforçados, antes de começar um romance, a pedir licença ao rigoroso censor de Cruzeiro”.<sup>34</sup> Para o

jornalista Moacir Werneck de Castro, também em artigo publicado na *Imprensa Popular*:

“Defender Alina Paim, portanto, é defender a própria literatura. O que se faz com ela, do ponto de vista literário, é o mesmo que o pontapé no ventre de uma mulher grávida.”<sup>35</sup>

<sup>32</sup> Prontuário 107813, Alina Paim, 16 mar., 1951. Arquivo Público do Estado de São Paulo, Departamento de Ordem Política e Social, DEOPSSPA007709. Disponível em:

[http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio\\_digital/deops\\_ficha](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/deops_ficha). Acesso em: 11/02/2021

<sup>33</sup> s/a. Ameaçada de prisão a romancista Alina Paim. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 29 de março de 1951. Ano4, n. 654, pp. 1-4.

<sup>34</sup> RAMOS, Graciliano. O último romance de Alina Paim. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 10 de abril de 1951. Ano 4, n.662, p. 2.

<sup>35</sup> CASTRO, Moacir Werneck de. O caso de Alina Paim. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 08 de abril de 1951. Ano 4, n.661, p.3.

A diretoria da Associação Brasileira de Escritores lançou uma nota em apoio a escritora:

Em reunião de sua Diretoria e Conselho Fiscal, a Associação Brasileira de Escritores tomou conhecimento, com profunda revolta, da ordem de prisão preventiva contra a romancista Alina Paim. (...). Nestas circunstâncias, a ordem de prisão é uma medida que fere os direitos do escritor e as liberdades consagradas na Constituição, e, mais ainda, representa um intolerável precedente e uma séria ameaça ao livre exercício da atividade de criação literária. Em nome da cultura brasileira, atingida pela ordem de prisão contra a escritora Alina Paim, a A.B.D.E. reclama obscurantismo e concita-os essa revogação dessa medida de escritores e artistas de todas as tendências, todos os prezam e defendem o princípio sagrado da liberdade de expressão do pensamento, a se manifestarem no mesmo sentido, exigindo, igualmente, o arquivamento da denúncia contra a conhecida romancista. A A.B.D.E. solicitou a sua seção de São Paulo que impetre as medidas jurídicas necessárias em defesa de Alina Paim. Rio, 29 de março de 1951- Pela Diretoria- (As.) Alvaro Moreyra, presidente<sup>36</sup>

O juiz voltou atrás na ordem de prisão contra a romancista, mas ela continuou sendo processada pela justiça. É relatado, em outro artigo na *Imprensa Popular*, que houve diversas incoerências nos autos do processo contra a romancista. “A prisão preventiva da escritora foi decretada sem que ela tivesse sido sequer ouvida. Nos autos, Alina Paim aparece com três nomes diferentes e com características de tipo físico que nada tem a ver com sua pessoa.<sup>37</sup>”

Apesar dos esforços das autoridades de Cruzeiro, *A Hora Próxima* foi bastante divulgada na imprensa do partido, na qual era noticiada qualquer novidade em relação ao livro, mesmo enquanto ainda estava sendo escrito e com o título anterior de *Ferrovários*, mas já era uma promessa do que vinha pela frente.

O livro foi lançado em maio de 1955, mesmo sendo adiado diversas vezes. Como informa a *Imprensa Popular*, o livro estava previsto para setembro de 1954<sup>38</sup> e já estava intitulado como “A Hora Próxima”. Em um anúncio posterior, o lançamento é previsto para março de 1955<sup>39</sup>, sendo mudado depois para o mês seguinte<sup>40</sup>, mas somente foi lançado em maio do mesmo ano<sup>41</sup>. O adiamento do lançamento do livro, ocorreu por conta das críticas do partido, mais especificamente do Dirigente Diógenes de Arruda Câmara, que não era crítico literário, nem tão pouco teria escrito algum romance, mas que entrevistou em diversas obras literárias dos escritores do partido, para que se adequasse aos moldes da política Cultural do PCB, no qual será abordado posteriormente, a exemplo de Dalcídio Juruandir, Ariovaldo Matos e Jorge Amado. Diante disso, o romance de Alina passou por diversas modificações para que pudesse ser aceito. (MORAES apud ALVES, 2020, p.211-212)

<sup>36</sup> Em defesa de Alina Paim. *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 01 de abril de 1951, Ano 4, n. 656, p. 3

<sup>37</sup> s/a. Revogada a Ordem contra Alina Paim. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro 15 de abril de 1951. Ano 4, n.667, p.3.

<sup>38</sup> O romance em 1954. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 13 de julho de 1954. Ano 7, n. 1.248, p. 4

<sup>39</sup> s/a, Grande êxito de “a tempestade”. *Imprensa Popular*., Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1955. Ano 8, n. 1.404, p. 4

<sup>40</sup> s/a, A coleção “Romances do Povo” em 1955. *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 10 de março de 1955. Ano 8, n. 1.447, p.4

<sup>41</sup> s/a, Hoje, o novo romance de Alina Paim. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 05 de maio de 1955. Ano 8, n. 1.493, p.3

A expectativa do lançamento do livro por parte dos leitores era grande, como afirma o anúncio na *Imprensa Popular*: “o livro da autora de ‘Simão Dias’, vinha sendo aguardado com extraordinário interesse do público, tanto que já há pedidos para seis mil exemplares.”<sup>42</sup>

O lançamento ocorreu na livraria Independência às 17:30, na cidade do Rio de Janeiro, juntamente com um coquetel e uma sessão de autógrafos<sup>43</sup>. No dia seguinte, houve outra sessão de autógrafos, dessa vez ao ar livre, no *stand* da livraria Independência, na Praça Floriano.

A escritora Alina Paim assinou grande números de autógrafos sobre exemplares do seu novo romance “A Hora Próxima”, cuja edição, lançada um dia antes, está sendo disputada com um sucesso sem precedentes no movimento editorial do país nestes últimos anos. Trata-se, além do mais, de uma iniciativa inédita entre nós, um escritor atender ao seu público em plena rua, o que mostra também o caráter profundamente popular da obra de Alina Paim e sua aceitação calorosa por parte dos leitores.<sup>44</sup>

A repercussão positiva não foi apenas com os leitores, mas também com os críticos literários comunistas. Para o escritor e um dos fundadores do PCB em 1922, Astrojildo Pereira, “se trata realmente de um romance, um romance em toda a extensão da palavra, ou seja, a transposição literária e artística, em termos de romance, de certo acontecimento social contemporâneo.”<sup>45</sup> Além disso, o escritor detectou uma certa evolução e amadurecimento na escrita de Alina.

(...) A Hora Próxima representa um grande avanço da autora em relação aos seus romances anteriores. Alina Paim libertou-se aqui de perniciosas influências, de certas modas no tratamento da obra. (...) Com A Hora Próxima, Alina rompe também com a limitação meramente crítica e objetiva, que floresceu entre nós, sobretudo a partir de 1930, com o chamado romance do Nordeste, do qual sem dúvida restam algumas obras perduráveis, mas cujas possibilidades estão hoje inteiramente esgotadas.<sup>46</sup>

Para Astrojildo, com este romance, a autora entra em um novo patamar de sua carreira, podendo elevar-se ao nível de grandes escritores, além de contribuir com o movimento progressista.

Não hesitamos em afirmar que Alina Paim, com este romance, presta valiosa contribuição ao movimento progressista de renovação da novelística brasileira - e, portanto, da literatura nacional - ameaçada pela dupla pressão de ideologias decadentes e cosmo políticas. Tomando nas mãos, vivendo-o honestamente em contato direto com a classe operária, buscando impregnar-se sem reservas da ideologia do proletariado, Alina Paim pôde realizar uma obra que não só assinala uma nova fase na sua carreira literária como ainda a coloca, ao lado de Jorge Amado, Dalcídio Jurandir e outros, que estão também trabalhando, na primeira linha do que há de mais progressista e promissor em nossa literatura.<sup>47</sup>

Em outra crítica, podemos ver os pontos negativos que o romance apresentou,

<sup>42</sup> s/a. Hoje, o novo romance de Alina Paim. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 5 de maio de 1955. Ano 8, n. 1.493, p. 3

<sup>43</sup> *Id.*, *ibidem*.

<sup>44</sup> s/a, Um fato inédito na vida cultural brasileira. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 7 de maio de 1955. Ano 8, n. 1.495, p. 1

<sup>45</sup> PEREIRA, Astrojildo. O novo romance de Alina Paim. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 17 de julho de 1955. Ano 8, n. 1.556, p. 9

<sup>46</sup> *Ibidem*.

<sup>47</sup> *Ibidem*.

principalmente no papel da consciência dos personagens comunistas. Para o crítico (s/a), tais personagens não defendem de forma convincente as ideias do comunismo, focando apenas nas ações da greve em si.

Alina Paim se preocupa muito com as ações que se desenrolaram no decorrer da greve e nisto, aliás, se houve com maestria. Mas deixou de lado um outro aspecto importantíssimo do romance, seu complemento indispensável. Refiro-me à repercussão das ações da consciência de cada personagem. Não cuidou da intersecção do fato histórico – a greve – no destino particular de cada um.<sup>48</sup>

O livro também obteve críticas negativas fora da imprensa partidária, principalmente por tratar-se de um romance adepto do realismo soviético – no qual iremos abordar ao longo do capítulo, como podemos ver na crítica feita por Heráclio Salles, no *Diário de Notícias*.

A leitura do novo livro da Sra. Alina Paim, ao menos até que ela nos dê em contrário a prova de um segundo romance do mesmo tipo, deixou-me convencido de uma completa inadequação da escritora ao assunto escolhido e ao método a que se obrigou no seu tratamento. (...) Essa super-valorização de uma greve de importância secundária, através de uma narrativa substancialmente gongórica, já seria, em si, um elemento negativo do romance e bastaria para condená-lo ao malogro, se o considerássemos segundo a escola a que se filia, e segundo a sua distinção. (...) Pela sua natureza, pelas suas intenções mais sensíveis e até por estar filiado a uma escola a que se chama "realismo socialista" - sobrepondo o social ao individual - o romance da Sra. Alina Paim não deve ser tomado como um "romance de caracteres," mas como um romance "de crítica social". (...) "A Hora Próxima" não há criação ou recriação, mas simplesmente figuração de vida no plano horizontal em que se colocam os jornalistas para contar um episódio qualquer, desde uma discussão nas câmaras a uma tragédia passional.<sup>49</sup>

O livro se passa durante uma greve dos ferroviários da cidade de Cruzeiro, em 1950. As mulheres dos trabalhadores da ferroviária formam um piquete com a intenção de parar uma locomotiva em movimento, fazendo com que a locomotiva se torne a bandeira de sua greve. Trata-se de um acontecimento verídico, como relata Oliveira,

O *Correio da Manhã*, de 23/09/1949, trouxe uma chamada original em seu noticiário do interno, "Reclamando o salário dos maridos sentaram-se nos trilhos da Rede Mineira" Segundo este diário, assim como os paulistas *Folha da Manhã* e *O Estado de São Paulo*, todos vinculados à agência de notícias Asapress. As mulheres organizadas tomaram as oficinas da Rede na manhã do dia 22, impedindo o comboio das 6h e os subsequentes. A *Folha da Manhã*, que estampou em sua capa o noticiário da greve-monstro, dizendo "Greve original deflagrada na Rede Mineira de Viação: Mulheres e crianças sentadas ao longo da ferrovia impedem a partida do comboio na cidade de Cruzeiro", chegou a falar em mais de cem mulheres e crianças que literalmente sentaram na linha e montaram acampamento para se revezarem nos piquetes. O Jornal relata que ali ficaram "até a tarde do dia 22". A reivindicação Imediata era o abastecimento da cooperativa, para o qual as grevistas davam um prazo. O pagamento regular do salário e do aumento era a outra meta, sem a qual não se sairia dos trilhos. (OLIVEIRA, 1998. p. 92)

Segundo Iracélli Alves, o livro foi “feito por encomenda e na medida do realismo socialista importado da URSS” (ALVES, 2020, p. 208). O realismo socialista estava presente

<sup>48</sup> S/a, O novo Romance de Alina Paim. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1955. Ano 8, n. 1.584, p. 4.

<sup>49</sup> SALLES, Heraclio. "A Hora Próxima". *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 14 de agosto de 1955. Seção 8, p.2

na política cultural do Partido Comunista Soviético e foi elaborado por Andrej Zdanov, durante o governo de Joseph Stalin. (*Ibid.*, 1998, p. 31)

Segundo Andrade (2010), o realismo socialista exigia do autor a “descrição verdadeira, historicamente concreta, da realidade vista em seu desenvolvimento revolucionário” Além do mais, “a veracidade e a correção histórica da representação artística da realidade devem acompanhar a tarefa de uma transformação ideal e da educação dos trabalhadores no espírito do socialismo” (ANDRADE, 2010, pp. 159-160).

Em seguida traremos um a breve análise no romance *A Hora Próxima*. Essa escolha se deu justamente por o livro ter sido encomendado seguindo os moldes do reslismo socialista e por estar inserido no recorte temporal desta pesquisa.

#### **2.4 A Hora Próxima**

Segundo análise de *A Hora Próxima* feita por Cíntia Schwantes (2012), Alina Paim destacava as figuras das mulheres, em seu enredo, por sua força, organização e determinação em meio à greve. Podemos ver a presença também do “heroísmo coletivo” e não centralizado apenas na figura de uma personagem, trazendo assim, o protagonismo do povo, a voz dele e seu relevante papel na greve. Mostra que, com coletividade, pode-se fazer com que realmente haja uma mudança na sociedade.

A representação das mulheres no romance como protagonistas, é de fato bastante representativa, pois exalta a figura da mulher como instrumento de luta e organização, ao mesmo tempo em que relata um fato histórico, pois era bastante comum, à época, que as mulheres se colocassem na posição de frente das greves como uma forma de evitar que seus maridos fossem demitidos, pois elas não possuíam contrato com as empresas e nem as empresas poderiam demitir seus funcionários levando em conta as ações de suas esposas. (SCHWANTES, 2012, p.47)

A greve, no romance, tem por motivos a situação precária de trabalho dos ferroviários, o atraso de seus salários e a falta dos gêneros alimentícios que seria de responsabilidade da ferroviária de fornecer aos seus trabalhadores. De acordo com Cíntia Schwantes (2012), em meio ao caos e a situação difícil em que vivem os ferroviários, Alina consegue transparecer o convívio dos personagens, suas paixões e seus laços fraternos e de amizade, onde podemos notar a parceria e o sentimento familiar presente entre eles.

A maioria dos personagens do romance são filiados ao Partido Comunista do Brasil, e através das falas desses personagens, podemos observar, como aponta Cíntia Schwantes (2012), o quanto o sistema capitalista é denunciado por eles a todo momento, principalmente pelas suas histórias de vida. Desse modo, é mostrado durante o enredo, as ações do partido, que envia dois de seus filiados, Nina e Milton, com o intuito de organizar a greve. Milton fica encarregado da panfletagem a respeito da greve pelas ruas, principalmente, no bairro onde vivem os ferroviários com suas famílias. Já para Nina, fica a tarefa de organizar as mulheres em prol da greve. (SCHWANTES, 2012, p.54)

Os grevistas tinham o apoio do partido, da imprensa, de um comerciante, apresentado como “seu Inácio”, e do Coronel do Exército, que vai ao local na tentativa de instaurar a ordem, mas acaba se comovendo com a situação em que se encontram as mulheres com suas crianças, decide por colocar os soldados para vigiar o acampamento, na tentativa de impedir possíveis tumultos, e manda também que seja entregue alguns mantimentos para a sobrevivência das mulheres e seus filhos. (*Ibid.*, p. 53)

Mas também tinham seus inimigos como Manuel Barulho, que tenta a todo momento desestabilizar a greve, tentando convencer as mulheres a retirarem as crianças do acampamento, pois poderia haver um possível conflito com as autoridades. Na análise, Cíntia Schwantes (2012) aponta que o personagem se utiliza desse argumento de apelo emocional, pois uma vez que as crianças fossem mandadas para casa, as mulheres iriam junto delas, acabando assim com a greve. Outros inimigos seriam os delegados, tanto de Cruzeiro quanto de Itajubá. O de Cruzeiro por querer acabar com a greve de forma violenta e o de Itajubá por querer colocar as mulheres contra os seus esposos. Além do fura-greve João Olímpio, “apresentado como um sujeito nervoso, assustadiço e subserviente” (*Ibid.*, p. 50) e da própria Rede Mineira, que não apresenta condições melhores de trabalhos para seus funcionários, aplica injustas punições e atrasa seus salários. E, por fim, o maior inimigo da greve seria o sistema capitalista, responsável por todas as mazelas que os trabalhadores enfrentam na sociedade. (*Ibid.*, pp. 48-49)

Desse modo, Alina consegue transpor, em seu romance, não apenas todos os problemas que a classe operária enfrentava na década de 1950, mas também todo o seu posicionamento político e ideológico a respeito.

## CAPÍTULO III – JACINTA PASSOS: POESIA E MILITÂNCIA

### 3. 1 Início da vida

Jacinta Velloso Passos, nascida na cidade de Cruz das Almas (Bahia), na fazenda Campo Limpo, no dia 30 de novembro do ano de 1914. Oriunda de uma família escravista e bastante conhecida na região, pois seu bisavô paterno, o português Manoel Caetano de Oliveira Passos, fora um dos fundadores do arraial de Nossa Senhora de Bom Sucesso, no século XIX. (AMADO, 2010, p. 339)

O pai de Jacinta, Manoel Caetano da Rocha Passos, era filho do comendador e Senador Themístocles da Rocha Passos, uma figura importante e conhecida da política baiana no período da monarquia, como também no início da República. “Elegeu-se duas vezes para o Senado da Província da Bahia (...), recebeu o título de comendador e foi membro da prestigiosa Ordem de Cristo” (*Ibidem*). Por conta de sua trajetória política na região, a praça da cidade de Cruz das Almas, recebeu o seu nome. Assim como o pai, Manoel Caetano também optou por ingressar na política e em 1910, com apenas 26 anos de idade, foi eleito deputado da Bahia, porém não exerceu o mandato, pois segundo Janaína Amado, na época em questão havia “fortes disputas entre correntes políticas do Estado, que desalojaram temporariamente sua família do poder” (*Ibid.*, pg. 340). A carreira política, era algo que esteve presente na família Passos por muitos anos, como veremos ao decorrer do trabalho. No mesmo ano, casou-se com Berila Eloy, também nascida na região e descendente de uma tradicional família local. (*Ibid.*)

A poeta passou 10 anos de sua infância na fazenda, uma região pacata e de costumes tradicionais conservadores, seguindo os valores da Igreja Católica. Em 1924, se mudaram para a cidade de São Félix, com o objetivo de ampliar a carreira política de Manoel Caetano. Ao se transferir para São Felix, Manoel Caetano “foi empossado como fiscal de consumo do Ministério do Trabalho. Exerceria esse cargo até aposentar-se, trinta anos depois, já na década de 1950 (*Ibid.*, p. 344). Em 1926, muda-se novamente, dessa vez para a cidade de Salvador, capital da Bahia, também por motivos políticos. A ida para Salvador, pôde proporcionar a Jacinta e seus irmãos, uma boa educação profissional. (OLIVEIRA, 2012. p. 2)

Em 1927, seu pai é eleito deputado estadual. Com isso, adquiriu bastante prestígio na sociedade, mas no âmbito financeiro não lhe trouxe muitas conquistas. Os Passos, apesar de serem de uma família tradicional e de engenho, não possuíam muitas riquezas e a vida na política trazia muitos custos para a família. Era preciso se vestir bem e frequentar lugares de

prestígio perante a sociedade. Jacinta percebeu a contradição do que sua família mostrava e de como realmente vivia. A autora mostrou em seu livro *Canção da Partida*, no poema de mesmo nome, um pouco da dualidade vivida por sua família (AMADO, 2010, p. 345-346)

Serei rica ou serei pobre?  
 Tomásia de Queiroz,  
 minha criada!  
 me diga o que somos nós.  
 O meu pai é deputado  
 democrata liberal  
 – viva a eleição!  
 terça-feira vou ao baile  
 no Palácio Aclamação.  
 — Andar na rua sem chapéu  
 ficará bem para nós?  
 — Não fica!  
 Minha irmã vai se casar  
 com um doutor.  
 Sou rica!  
 — Vamos vender Campo Limpo  
 para pagar nossa casa  
 na Ladeira do Hospital.  
 As meninas logo vão  
 entrar na Escola Normal,  
 é mais seguro,  
 professora é meio de vida,  
 ninguém sabe do futuro.  
 Minha mãe, minha mãezinha,  
 todo dia na cozinha,  
 faz doce para vender:  
 — Augusto Braço Cotó,  
 vá entregar no Triunfo  
 e cobre!  
 Não diga nada a ninguém,  
 meu bem.  
 Sou pobre!<sup>50</sup>

Além disso, a família de Jacinta era bastante católica, como muitas das famílias brasileira da época. A jovem era bastante disciplinada em suas atividades na Igreja, participava frequentemente das “missas, quermesses, novenas, orações domésticas tanto solitárias, como em família”. (AMADO, 2010, p. 344) De todos os irmãos, Jacinta era a mais dedicada e a mais envolvida nas tarefas religiosas.

Jacinta e suas irmãs iniciaram seus estudos na Escola Normal da Bahia, uma escola de alta qualidade de ensino, em 1927. Formou-se no ano 1932, aos 18 anos. A jovem era inteligente e estudiosa, sua matéria preferida era matemática, “foi escolhida a melhor aluna de matemática

---

<sup>50</sup> PASSOS, Jacinta. *Canção de partida*. São Paulo: Edições Gaveta, 1945. 1ª edição, p. 121. *Apud*: AMADO, Janaína. *Jacinta Passos, coração militante; obra completa: poesia e prosa, biografia, fortuna crítica*. Salvador, Corrupio, 2020, p. 85.

da escola, pelo diretor, Sólton Guimarães, e quando se graduou, passou a ensinar a matéria” (*Ibid.*, p. 348). Nesta época, Jacinta já escrevia seus poemas, mas sempre quieta e reservada, não os mostrava a ninguém

Jacinta dava aulas de catecismo na Paróquia de Nazaré e, assim que se formou, ampliou o número de suas aulas na Escola Paroquial, onde lecionava para empregadas domésticas da região. Na fazenda Campo Limpo, ministrava aulas de alfabetização para os filhos dos empregados da fazenda durante as férias. Foi também contratada como professora de matemática, na Escola Normal da Bahia, a mesma escola onde concluiu seus estudos. (*Ibid.*, pp. 350- 351)

### 3.2 Carreira e inserção na vida política

A aproximação de Jacinta com seu irmão mais novo, Manoel Caetano Filho, trouxe para a jovem o contato com vários intelectuais e comunistas. Contatos esses que lhe eram negado por ser mulher, pois assuntos como política só era permitido aos homens. Sair de casa desacompanhada também não era permitido, portanto saía na companhia de seu irmão mais novo. Isso possibilitou a Jacinta a interação com tais círculos, principalmente aos círculos literários baianos. Junto com o irmão, ela entrou na Ala das Letras e das Artes (ALA), movimento artístico da Bahia em resposta ao modernismo<sup>51</sup> (OLIVEIRA, 2012. pp. 4)

Durante a Segunda Guerra Mundial<sup>52</sup>, em 1939, a jovem poeta mobilizou-se contra o fascismo e o nazismo de Mussolini e Hitler<sup>53</sup>, apoiando a entrada do Brasil na guerra e, durante o último ano de guerra, apoiou a democracia em nosso país.

Jacinta participou de diversos comícios, manifestações e atos públicos. “Escreveu vigorosamente contra o nazifascismo nos jornais, e trouxe a questão da guerra para a sua poesia. Trabalhou, durante anos, como voluntária na Legião Brasileira de Assistência Local<sup>54</sup>, a LBA.” (AMADO, 2010, p.358) A partir dessas atividades na luta contra o fascismo, obteve ainda mais contato com os comunistas, passando, então, a estudar ainda mais sobre o socialismo, a

---

<sup>51</sup> A ALA foi criada na primeira metade do século XX, por Carlos Chiachio, crítico literário baiano

<sup>52</sup> A Segunda Guerra Mundial, foi um conflito militar, envolvendo diversas nações do mundo, inclusive todas as grandes potências. Teve início em 1939, encerrando-se em 1945. O Brasil aderiu a guerra em 1942, enviando suas tropas para lutar contra a Alemanha Nazista e a Itália Fascista, que foi responsável pelos inúmeros naufrágios de navios mercantes brasileiros.

<sup>53</sup> Benito Mussolini, foi um político italiano, que liderou o Partido Nacional Fascista. Para muitos, ele fora o criador do Fascismo. Adolf Hitler, fora um político alemão, líder do partido Nazista. Tornou-se Chanceler do Reich e Führer da Alemanha Nazista de 1939 a 1945. Foi o responsável pela Segunda Guerra Mundial e pelo Holocausto

<sup>54</sup> A LBA funcionava como uma assistência às famílias da Bahia, que tinham membros enviados para a guerra. Exercendo trabalho voluntário em hospitais, arrecadando fundos e esclarecendo e mobilizando a população (AMADO, 2010, p. 358)

revolução russa, como também as publicações do PCB que lhe eram passadas. Essas leituras fizeram com que mudasse sua forma de pensar, distanciando-a da sua formação católica. (*Ibid.*, p. 359)

Em 1942, Jacinta lança seu primeiro livro, ao lado de seu irmão, que também era poeta. O livro foi publicado pela Editora Baiana, em Salvador, intitulado *Nossos Poemas* e era dividido em duas partes. A primeira parte, “Momentos de Poesia” escrita por Jacinta e a segunda, “Mundo em agonia”, escrita por seu irmão.

Os poemas publicados por Jacinta haviam sido escritos nos anos anteriores (o primeiro deles datando de 1933, quando a autora tinha 19 anos). Conforme assinalado, são poemas intimistas, sobretudo religiosos, versos místicos que expressam a profunda união da poeta com o sagrado, sua entrega e busca incessante do absoluto, bem como seu sofrimento diante da própria imperfeição e dificuldade para integrar-se ao divino. (*Ibid.*)

Nesse mesmo ano, a escritora ingressa no jornal *O Imparcial*<sup>55</sup>, de Salvador, a convite do escritor Jorge Amado<sup>56</sup>, que havia voltado ao Brasil a pouco tempo de seu exílio. É importante ressaltar que nessa época o irmão de Jacinta, Manoel Caetano, tinha se filiado oficialmente ao PCB, expandindo suas relações sociais, políticas e culturais. Desse convite para escrever no jornal, nasceu uma forte amizade entre eles. Antes de ingressar n’*O Imparcial*, Jacinta já havia sido colaboradora da revista *Seiva*,<sup>57</sup> na qual publicava poemas e artigos. (AMADO, 2010, pp. 360-362)

Sua atuação n’*O Imparcial* foi bastante ativa, nele a escritora e agora jornalista escrevia de tudo um pouco, sendo os artigos de caráter político sobre o que ela mais escrevia:

Ela escreveu sobretudo sobre a situação política do Brasil e do mundo, os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, a necessidade de combater o nazifascismo, a mobilização das mulheres, as opções que via a cada momento para a sociedade brasileira. Foram artigos inflamados, escritos no calor da hora, alinhados com a posição das esquerdas e, muitas vezes, já com as do PCB, partido ao qual ela ainda oficialmente não aderira. Jacinta também publicou poemas. (...) A partir de fevereiro de 43, por um período breve, dirigiu ainda uma “página feminina”, com matérias que iam desde poemas seus até artigos sobre beleza feminina. Intensa atividade, que a tornou uma das mais ativas jornalistas da Bahia à época (*Ibid.*, p. 362)

Sua religiosidade passou por mudanças em 1942. Seu catolicismo era agora revestido por ideias sociais, pela necessidade de ajudar o próximo, como também a tentativa de transformar a sociedade que tanto sofria. Isso se deu pela aproximação de Jacinta ao catolicismo

<sup>55</sup> Jornal O imparcial, fundado em maio de 1918 e comprado pelo coronel Franklin Albuquerque. (AMADO, 2010, p.361)

<sup>56</sup> Jorge Leal Amado de Faria, nascido em Itabuna/ BA, em 10 de agosto de 1912. Foi um Escritor baiano consagrado, jornalista e membro do PCB. Em 1945 foi vice-presidente do I Congresso Brasileiro de Escritores, mesmo ano em que se torna torna-se Deputado Federal. Após o PCB ter sido posto em ilegalidade novamente, teve seu mandato cassado exilou-se em Paris e depois em Praga. Em 1952 retorna ao Brasil. Faleceu no ano de 2001, em Salvador. (CPDOC, dicionário biográfico)

<sup>57</sup> Revista fundada em 1938 pelo comunista João Falcão, era financiada por seu pai, João Marinho. A revista contava com um grupo de jovens esquerdistas, publicando os trabalhos de intelectuais da Bahia, de outros Estados e de outros países

social, que surgiu com a preocupação de um proletariado cada vez mais pobre. Por conta disso, os católicos deram início a um movimento social, no qual “Defendiam uma ampla reforma do sistema capitalista que pudesse humanizar a sociedade impedindo a exploração dos trabalhadores” (BOAS e SIENNA, 2018, p. 22). Movimento iniciado com o padre Robert de Lammenais (1782-1854), mas “só mais tarde, em maio de 1891, a Igreja Católica vai dar início ao processo de sistematização e institucionalização de sua Doutrina Social com o Papa Leão XIII” (*Ibid.*)

Além da influência do catolicismo social, as ideias de Jacinta também foram influenciadas pelas ideias de esquerda, que se aproximava cada vez mais, fazendo amizades com pessoas ligadas ao PCB “como Jorge Amado, Giovanni Guimarães, João Falcão, Jacob Gorender”<sup>58</sup> (AMADO, 2010, pg. 363).

Por ter abraçado o comunismo, Jacinta amplia sua visão de mundo para a condição humana e da mulher. E com isso, torna-se uma figura incômoda, porque sai da posição passiva para uma intensa defesa de seus ideais. Os ideais em que Jacinta passara a acreditar eram fortemente criticados pela Igreja Católica, o comunismo, a autonomia, independência intelectual e social (OLIVEIRA, 2012. pg. 5)

A partir de 1943, não se tem notícias de atividades religiosas de Jacinta. Supõem-se então, que esse foi o ano em que a escritora deixou a religião. O afastamento de Jacinta do catolicismo não agradou a sua família, que não apoiava o seu ateísmo, seu envolvimento com comunistas, saídas sozinhas e suas atividades políticas, principalmente por seu pai ser um político – afastado do governo durante essa época, voltando apenas em 1946 - de ideologias contrárias à de Jacinta. (AMADO, 2010. pp.363- 365)

### **3. 3 Casamento e mudança para São Paulo**

Nesta mesma época, Jacinta conheceu James Amado<sup>59</sup>, em um fim de semana na casa de seu irmão, Jorge Amado e, rapidamente, apaixonaram-se, dando início a um namoro que resultou em um casamento. Em 1944, ela viaja para São Paulo, onde morava James, porém, a viagem já havia sido planejada antes da poeta conhecê-lo, pois concorria uma bolsa de estudo para se aperfeiçoar profissionalmente como professora. Ao receber a bolsa, Jacinta acerta com a família de ir morar temporariamente com sua irmã e cunhado. Chegando lá, em vez de partir para a casa de sua irmã, a escritora vai morar com James, avisando a família apenas dias depois, mas sem dar detalhes de onde estava. Em pouco tempo, casam-se no civil, comunicando a família apenas depois do casamento.

<sup>58</sup> Giovanni Guimarães, militante comunista e jornalista; João Falcão era fundador da *Revista Seiva*, e do *Jornal da Bahia*, jornalista e militante comunista; Jacob Gorender, historiador e militante comunista. Foi um dos dirigentes do partido.

<sup>59</sup> James Amado, irmão de Jorge Amado, escritor, atuou como jornalista e na política.

As circunstâncias do casamento entre Jacinta e James fez com que a poeta rompesse de vez com os valores da sua família. Principalmente por estar casada com um homem mais novo, pois na época Jacinta tinha 29 anos e James 21, um homem que não possuía renda fixa, embora pertencesse a uma família de posses, ateu e que mantinha relações de amizade e familiar com os comunistas, mesmo ainda não sendo filiado ao partido (*Ibid.*, pp. 369-370).

Com a influência do seu marido e sua mudança para São Paulo, Jacinta ampliou suas relações com os comunistas e com intelectuais como, “Sérgio Buarque de Holanda, Sérgio Milliet, Oswald de Andrade, Antônio Cândido, José Mindin, Caio Prado Júnior”<sup>60</sup>, entre outros (*Ibid.*). Nesse período, a derrota dos nazistas na Europa ia avançando, enquanto, no Brasil, os conflitos internos na política faziam com que se tornasse mais difícil a sustentação da ditadura do Estado Novo. Apesar das fortes repressões policiais, os militantes não deixaram de fazer protestos, atos públicos e comícios contra a ditadura. Jacinta participava ativamente dessas atividades e cada vez mais se envolvia com o PCB. (AMADO, 2010, p. 371)

No ano de 1945, lança o seu segundo livro, *Canção da Partida*, publicado em São Paulo, pelas Edições Gaveta. “Foram editados apenas 200 exemplares (...) numerados e assinados pela autora, ilustrados com cinco desenhos de Lasar Segall”. (*Ibid.*) A publicação de seu livro foi muito bem recebido pela crítica, trazendo reconhecimento e respeito para a poeta entre os intelectuais, tornando-a conhecida.

Através de uma crítica escrita por Roger Bastide, para *O Jornal*, do Rio de Janeiro, podemos perceber o quanto o segundo livro de Jacinta foi bem aclamado pela crítica:

(...). Essa síntese entre o sabor das formas folclóricas, das cantigas infantis, das cantigas de ninar e o sentimento de miséria dos homens, da solidariedade no sofrimento, a profecia de um mundo mais justo e mais fraternal eu a encontro, realizada com sucesso, nos poemas de Jacinta Passos. (...) Jacinta Passos apodera-se com muita segurança dos tesouros de uma infância nordestina.<sup>61</sup>

Em outro artigo, desta vez para o *Correio Paulistano*, é destacado por José Geraldo Vieira a simplicidade dos poemas que compõem o livro de Jacinta:

Jacinta Passos envolve a sua poesia em enxoval de criança. Não enxoval comprado, vindo de Paris ou de Nova York. Enxoval já usado pelas antigas crianças da família, enxoval transmitido, guardado gerações após gerações, com rendas do Ceará, com fitinhas do Recôncavo, com flanelas no Nordeste, com bugigangas afro-ameríndias, enxoval que parece um ninho quente, gostoso (...) onde a criança, a poesia viva-nascida, nuazinha, ainda pagã, ou já depois de batizada, com um nomezinho de família bem brasileiro, ensaia o riso da única palavra que, sendo ainda prefixo, será tema de um léxico de encantamentos.<sup>62</sup>

<sup>60</sup> Sérgio Buarque de Holanda, foi um historiador brasileiro, crítico literário, jornalista e um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores; Sérgio Milliet da Costa e Silva foi um escritor, pintor, poeta, ensaísta, crítico de arte e literatura, sociólogo e tradutor brasileiro; Oswald de Andrade, foi um escritor, ensaísta e dramaturgo brasileiro; Antônio Cândido foi um sociólogo, crítico literário e professor universitário brasileiro. Estudioso da literatura brasileira e estrangeira.; José Mindlin foi um repórter, advogado, empresário, escritor e bibliófilo brasileiro.

<sup>61</sup> BASTIDE, Roger. **Trimestre Poético**. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 24 de março de 1945. Ano 27, n. 7.539, p. 4

<sup>62</sup> VIEIRA, José Geraldo. Poesia- Solução de tudo. *Correio Paulistano*, São Paulo, 13 de maio de 1945. Ano 91, n. 27.343, p. 4

Em seu livro, a poeta reunia canções que ela ouvia na infância em Campo Limpo, cantigas de rodas que faziam menções a seus familiares e acontecimentos de Cruz das Almas. O livro também reunia poemas de temática política e social, relativos aos interesses dos poetas daquele dado momento. Podemos notar, então, que Jacinta conseguiu reunir em seu livro os dois mundos opostos que a cercavam. (AMADO, 2010, p. 372)

O ano de 1945 foi um ano em que se deram vários acontecimentos no Brasil e no mundo, como o fim da Segunda Guerra Mundial e a luta dos brasileiros que tentavam conquistar a democracia. Jacinta não só acompanhou como vivenciou profundamente tais acontecimentos, ao lado de seu marido e cunhado, que possuíam forte influência política. Como foi dito antes, participou do I Congresso Brasileiro de Escritores, como membro da delegação Baiana, ao lado de diversos intelectuais de várias correntes ideológicas, contra a ditadura e a favor da liberdade de expressão, contribuindo fortemente para o fim do Estado Novo. (AMADO, 2010, p. 373) De acordo com o Jornal *Correio Paulistano*, Jacinta participou da campanha das mulheres paulistanas pela anistia, no qual foi uma das iniciadoras.<sup>63</sup>

No mesmo ano, o casal muda-se para Porto Alegre, local onde ambos se filiaram oficialmente ao PCB, pois nesse ano era promovido pelo PCB uma forte campanha de filiação, dada a situação em que se encontrava a política brasileira e seu objetivo de se tornar um partido de massas. (OLIVEIRA, 2012, p. 6).

### 3.4 Jacinta Passos e as eleições de 1945

Devido as eleições gerais de 1945, que foram confirmadas para o dia 2 de dezembro, o partido ordenou que James e Jacinta se mudassem para Salvador, para que se candidatassem. Chegando lá, instalaram-se provisoriamente na casa dos Passos. A candidatura de Jacinta como deputada federal do PCB foi confirmada e a de James recusada pelo Tribunal Eleitoral. Jacinta imediatamente começou sua campanha eleitoral. A chapa eleitoral comunista na Bahia contava com 23 candidatos, na qual Jacinta era a única mulher, e os candidatos baianos em geral, contabilizando os do PCB e de outros partidos eram em um total de 143, sendo somente 3 mulheres candidatas<sup>64</sup>.

Vale lembrar também que o ano de 1945 foi muito importante para o partido, pois foi o ano em que o PCB entrou em legalidade, mesmo que por um curto período e pode lançar candidatos no país inteiro às eleições.

---

<sup>63</sup> s/a. A mulher paulistana mobiliza forças em prol da anistia. *Correio Paulistano*, São Paulo, 03 de abril de 1945. Ano 91, n. 27.312, p. 2

<sup>64</sup> Além de Jacinta Passos, disputavam as eleições: Ana Dantas (PRP Partido Republicano Progressista) e Leonina Costa (PTB Partido Trabalhista Brasileiro). (SIZÍLIO, 2019, p.199)

A poeta foi indicada às vésperas da eleição e, imediatamente, deu início a sua campanha, desempenhando as mais diversas atividades.

Na nova função de candidata, ela atuou ativamente em comícios – discursando inclusive no grande comício de recepção a Prestes e a Yeddo Fiúzia em Salvador – assumindo uma vida pública junto aos colegas candidatos de partido. Seu programa era o do PCB, com ênfase na questão das mulheres, o principal assunto sobre o qual se debruçava, escrevia e discursava. (AMADO, 2010. pp. 378-379)

O autor Ricardo Sizílio (2019), ao fazer uma análise a respeito das eleições de 1945, faz uma observação acerca da candidatura de Jacinta. Segundo o autor, a poeta não residia na Bahia a aproximadamente dois anos e, mesmo assim, foi escolhida para representar o Estado, chegando à conclusão que “residir no Estado não era fundamental para disputar as eleições pelo Partido Comunista” (SIZÍLIO, 2019, p. 204). Outro fato observado pelo autor era como as candidaturas eram feitas pelo Comitê Nacional, que poderiam ser feitas sem ou com pouco diálogo com os candidatos, assim como foi feita com Jacinta. “Sendo as escolhas feitas de cima para baixo, nem sempre os interesses do partido e do militante convergiam” (*Ibidem*). A relação completa de candidatos da Bahia era composto por:

Luis Carlos Prestes, Jacinta Passos Amado, Demócrito Carvalho, Vicente de Paula, Ariston Andrade, Aurélio Rocha, Mecenaz Mascarenhas, Estanislau Santana, João do Carmo, Alfredo Moreira de Freitas, Aristeu Nogueira, Valdir Oliveira e Aydano do Couto Ferraz (...) Dos 24 candidatos, 15 eram dirigentes, 2 foram apontados como “amigos do partido” e os outros 7 como militantes, estes identificados profissionalmente da seguinte forma: médico, escritora, advogado, jornalista, estivador e ex-combatente da FEB. (*Ibid.*, p. 206)

Apesar de todos os seus esforços para ganhar as eleições, Jacinta não conseguiu ser eleita como deputada federal da Bahia, ficando em último lugar. O autor relata, ainda, que existia uma estratégia política do PCB de beneficiar os candidatos preferenciais do partido, o que explica os candidatos que foram eleitos mesmo não morando mais na Bahia ou até mesmo não fazendo nenhuma campanha. Esse fato, é claro, trouxe desvantagens para alguns candidatos do partido. Com isso, o resultado das eleições gerais se configurou da seguinte forma:

(...) o PCB obteve praticamente 10% dos votos para a presidência no país, além de ter eleito, em seis circunscrições, 14 deputados e 1 senador, Luis Carlos Prestes. (...) Sendo a influência de Prestes um dos elementos essenciais para o desempenho eleitoral do PCB em 1945, obviamente que isto também se refletiu nas urnas da Bahia. Afinal, o cavaleiro da esperança teve 26.497 votos para o cargo de Senador; Eusíbio Lavigne, o outro candidato do PCB para o Senado, 25.430 votos; Yeddo Fiúza, candidato à presidência, 22.059 votos; e todos os 24 candidatos ao cargo de deputado federal, incluindo o próprio Prestes, receberam 18.628 votos. (*Ibid.*, p. 233)

Deste modo, o PCB baiano elegeu para deputado estadual o candidato Carlos Marighella<sup>65</sup>.

O PCB escolheu Jacinta para se candidatar como deputada novamente, dessa vez como deputada estadual da Bahia, nas eleições que estaria prevista para o ano de 1947. Porém, por estar grávida, teve que largar a campanha, pois sua gravidez era considerada de alto risco, uma vez que já havia sofrido um aborto anteriormente. Jacinta teve que permanecer internada em hospital por 7 meses para que pudesse dar à luz a sua filha, que nasceu em 1947.

### 3.5 Poemas Políticos

No mesmo ano, o PCB foi posto novamente em ilegalidade, causando uma forte perseguição em todo país aos seus militantes. Por conta disso, Jacinta e James, que nesta época era redator-chefe do jornal *O Momento*<sup>66</sup>, passam por dificuldades financeiras e perseguições políticas. A convite do pai de James, que precisava de alguém de confiança para cuidar de sua fazenda que se encontrava em total abandono, mudaram-se para o interior da Bahia no ano de 1948<sup>67</sup>, onde permaneceram por três anos. Nesse tempo em que moraram no interior, conciliaram os serviços da fazenda com a escrita de um novo romance de James e um novo livro de poesia de Jacinta. Em 1951, mudam-se para o Rio de Janeiro. Nesse mesmo ano, Jacinta publica *Poemas Políticos*, pela Editora Casa do Estudante:

Volume de formato pequeno com 87 páginas, contém poemas inéditos, políticos e líricos – compostos entre 1948 e 1950, quando residia na fazenda. -, além de uma seleção de poesias do livro anterior. É edição modesta, principalmente quando comparada à de *Canção de partida* e, tudo indica, publicada com a ajuda do PCB. (AMADO, 2010, p. 385)

Optamos por trazer uma breve análise de *Poemas Políticos*, pois além de ter sido escrito durante o recorte temporal que tanje essa pesquisa, é um livro mais voltado a política, para que possamos compreender melhor a relação de Jacinta com a política, através de seus poemas.

---

<sup>65</sup> Carlos Marighella, nascido em Salvador, no dia 05 de dezembro de 1911, foi um escritor e militante comunista. Ingressou no PCB em 1930, ainda quando era estudante. Em 1936, foi convocado pela direção do partido para atuar no Rio de Janeiro, mesmo ano em que foi preso, sendo solto no ano seguinte e encarregado de reorganizar o partido na cidade de São Paulo, tornando-se o principal dirigente. Em 1939 foi preso novamente, permanecendo 6 anos na prisão. Em 1945 foi eleito deputado estadual pela Bahia. Posteriormente, após ser expulso do partido, torna-se guerrilheiro comunista e cofundador da Ação Libertadora Nacional (ALN), foi morto pela polícia em 1969. (CPDOC, *Dicionário Biográfico*)

<sup>66</sup> *O Momento*, jornal do PCB da Bahia, foi criado em abril 1945 e encerrou suas atividades em novembro de 1957. (SERRA, Sonia, 2007, p. 1)

<sup>67</sup> Mesmo ano em que o irmão de James, Jorge Amado, que na época era Deputado Federal pelo PCB, teve seu mandato cassado, e por isso foi obrigado a se exilar na Europa. (AMADO, 2010, p. 381)

Nesse livro, a poeta demonstra as suas posições ideológicas de esquerda. “O livro agradou bastante os militantes e simpatizantes de esquerda, por causa das poesias de cunho político, embora contenha também excelentes canções líricas.” (*Ibid.*, p. 386). Por conta do contexto político da época, o livro não obteve a mesma atenção da crítica, como em *Canção de Partida*, o que pode explicar as poucas críticas de *Poemas Políticos*, encontradas na pesquisa em jornais. A única a qual tivemos contato, é bastante positiva e exalta a poeta.

(...) Que bela poesia! Isto que é poesia de verdade. Jacinta Passos é uma poeta. É uma poeta quando fala na vida. (...) É uma poeta quando fala no amor. (...) Envolto na solidariedade com o povo que sofre, exprimidos numa forma que pegou o sabor da terra, os “Poemas Políticos” de Jacinta Passos são autênticos, quer dizer essencialmente poéticos.<sup>68</sup>

Segundo o poeta e crítico literário José Paulo Paes (1990), o livro é dividido em duas partes, *Poemas Políticos* e *Canções Líricas*. Na primeira parte, o livro conta com dois poemas extensos e bastante simbólicos. O primeiro, intitulado “O Rio”, traz a representação do partido como sendo um rio de muitas águas carregadas de esperança. Fala sobre o seu nascimento, no ano de 1922, sendo representado como uma criança que foi concebida em meio a injustiça e que será *o herói novo do século*. A burguesia é representada por uma velha bruxa rica e criminosa, que irá morrer pelas mãos do partido. No poema também é mencionado Marx, que aparece como olhos novos que viram a História e os heróis nacionais, como Zumbi dos Palmares e Tiradentes. É relatado pela poeta, também, alguns acontecimentos que marcaram a história do PCB, como a legalização do partido em 1945, a Coluna Prestes<sup>69</sup>, a Aliança Nacional Libertadora (ANL)<sup>70</sup>, a rebelião militar de 1935<sup>71</sup>, a Segunda Guerra Mundial, a participação do Brasil nela e o seu fim, o fim da ditadura do Estado Novo e os candidatos eleitos pelo partido nas eleições de 1945. É feito também uma alusão, de forma bastante crítica e irônica, ao governo Dutra e sua aliança com os Estados Unidos. O poema termina com o que indica ser uma celebração dos trabalhos feitos pelo PCB, principalmente na área rural.

O segundo poema com bastante representatividade é intitulado “Elegia as quatro mortas”, que faz alusão à morte de quatro mulheres. A primeira trata-se de Olga Benário, militante comunista, judia e esposa de Luiz Carlos Prestes, que foi presa grávida pela polícia política do Estado Novo, extraditada para a Alemanha e morta pelos nazistas na câmara de gás. A segunda é a militante comunista Zélia Magalhães que foi morta, em 1949, em um comício do PCB.

<sup>68</sup> JEAN, Yvonne. **Presença da Mulher**. *O Correio do Amanhã*. Rio de Janeiro, 01 de outubro de 1951. Ano 51, n. 17.958, p. 7

<sup>69</sup> Marcha comandada por Luis Carlos Prestes e Miguel Costa, que aconteceu entre os anos 1925 e 1927, percorrida por diversos estados brasileiros. Além de ser perseguida pelo governo, não conseguiu seu objetivo de comandar uma rebelião para popular, com o intuito de destituir o governo de Arthur Bernardes e Washington Luiz. (AMADO, 2010, p. 162).

<sup>70</sup> Organização política com objetivo de combater o fascismo e o imperialismo, fundada em 1935. Posta na ilegalidade desde sua criação. Tinha como presidente, Luis Carlos Prestes. (AMADO, 2010, p. 136)

<sup>71</sup> Tentativa de golpe contra o governo de Getúlio Vargas, com o apoio do PCB e dos militares em nome da Aliança Nacional Libertadora, no ano de 1935 (AMADO, 2010, p. 137).

A militante estava grávida na ocasião e foi baleada pela polícia durante uma violenta repressão anticomunista. A terceira é Dade, empregada doméstica dos Passos, que morreu de causas naturais, mas que dar-se a entender no poema que sua vida difícil, em meio a pobreza e a vida na roça, foi a principal causa da sua morte. No poema, ela é colocada ao lado de heroínas da esquerda. A quarta figura é Angelina Gonçalves, morta pela polícia no comício de 1º de maio do PCB, no ano de 1950. (PAES *apud* AMADO, 2010, pp. 488- 489)

A segunda parte do livro, *Canções Líricas*, traz canções de amor, cantigas de rodas e um poema dedicado à sua filha Janaína, intitulado *Canção Para Jana*. É a parte do livro que mais se afasta de sua vida política, entrando mais na sua vida pessoal.

Segundo José Paulo Paes (1990), ao fazer uma crítica dos livros escritos pela poeta, principalmente o que diz respeito a *Poemas Políticos*, existe uma certa dificuldade em trazer a política para o campo das artes.

O último livro de Jacinta Passos, se constitui numa dramática ilustração de como podem ser nocivos os efeitos do sectarismo político no terreno das artes. (...) No caso de Jacinta Passos, um indício desse desvirtuamento é abrupta separação, em grupos estanques, dos “Poemas Políticos” e das “Canções Líricas”, como se a ideologia tornasse a erguer, entre individual e coletivo, aquela mesma barreira que o impulso lírico da *Canção da Partida* deitara por terra, convertendo, sem contradição nem conflito, o sentimento de si em sentimento do mundo. Ao cumpliciar-se com a restauração dessa barreira por amor ao partido, Jacinta Passos pagou o alto preço que a ortodoxia costuma a exigir de quantos se dispunha a servi-la. Mas, em defesa da autora dos *Poemas Políticos*, acentue-se que nem a ortodoxia conseguiu secar a fonte de lirismo. (PAES *apud* AMADO, 2010, p.489)

Durante o ano de 1951, Jacinta permaneceu no Rio de Janeiro desempenhando seu papel político junto ao PCB, principalmente, nos comitês femininos e de intelectuais. De acordo com o jornal *Imprensa Popular*, Jacinta fez parte da comissão diretora da Delegação Carioca da Federação de Mulheres do Brasil, da qual era presidente, eleita na III Convenção<sup>72</sup>. Nesse mesmo ano, Jacinta passa a ser investigada pela polícia, pois de acordo com as pesquisas, foi aberto pela polícia política um prontuário em seu nome.<sup>73</sup> Enquanto isso, seu marido James, estava trabalhando no jornal do partido, *Imprensa Popular*, além, é claro, de cumprir as tarefas que lhes eram destinadas pelo PCB.

### 3.6 Loucura e últimos passos

Como foi dito antes, a poeta participou, juntamente com o seu marido, do IV Congresso de Escritores Brasileiros, em 25 de setembro de 1951, na cidade de Porto Alegre e, após voltar

<sup>72</sup> s/a, Em São Paulo amanhã o congresso de mulheres. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 27 de julho de 1951. Ano 4, n. 747, p. 1

<sup>73</sup> Prontuário n. 113825, Jacinta Passos, 17 dez., 1951. Arquivo Público do Estado de São Paulo, Prontuários, Departamento de Ordem Política e Social, DEOPSSPJ000115. Disponível em: [http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio\\_digital/deops\\_ficha](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/deops_ficha). Acesso em: 06/05/2021

do Congresso, Jacinta teve uma forte crise nervosa, seguida de delírios. Segundo relato de James:

(...) Havia alguns dias, Jacinta mostrava-se particularmente nervosa e irritada. De repente, numa atitude que não lhe era habitual, sem razão aparente, expulsou de casa, aos berros, o amigo e escritor Dalcídio Jurandir, que visitava o casal. Em seguida, muito nervosa, agitada e assustada, trancou todas as portas e janelas do apartamento, afirmando que a polícia estava do lado de fora, pronta pra invadir a residência e prendê-la. Nenhum argumento a demoveu dessa ideia. Ao contrário, com o passar das horas demonstrou-se cada vez mais convencida da presença dos policiais. Aterrorizada, gritava, debatia-se e agredia fisicamente o marido e Tomásia. Mostrando força física incomum, impedia os dois de atenderem o telefone e de saírem. Gritava coisas incompreensíveis, como se em delírio. Não dormiu. Manteve esse comportamento até o dia seguinte, quando um amigo do casal, que fora visitá-los, conseguiu entrar no apartamento e ajudar James a levá-la ao médico. (AMADO, 2010, p. 389)

A poeta foi enviada ao médico psiquiatra Isaías Paim - marido de Alina Paim, permanecendo 4 meses internada na sua clínica em Botafogo e diagnosticada, por ele, como portadora de Esquizofrenia Paranoide. Durante sua internação, recebe tratamento à base de eletrochoques, tratamento bastante comum utilizado na época. (AMADO, 2010, p. 389).

Jacinta foi transferida para outra clínica, situada na Ilha do Governador, da qual fugiu duas vezes. Por conta dessas fugas, foi transferida para Clínica Psiquiátrica Charcot, na cidade de São Paulo, onde residia seu irmão, Manoel Caetano Filho. A ida de Jacinta para São Paulo, resultou no fim de seu casamento com James, como também na separação de sua única filha, Janaína Amado. (*Ibid.*, p. 390)

Jacinta recebeu alta, em 1952. Porém, permaneceu em São Paulo para cuidados médicos, passando a morar com sua irmã Dulce. Nessa mesma época, por influência de James, começa a trabalhar na Editora Martins. Após esse período de “equilíbrio”, volta a ter crises, sendo internada novamente na Clínica Charcot. Segundo Manoel Caetano, a piora de Jacinta está relacionada com a notícia que recebera de que James estaria com outra mulher (*Ibid.*, p. 394). Porém, não se pode confirmar se de fato esse teria sido o fator que acarretou suas crises.

A poeta permaneceu na clínica por mais de um ano e, nessa época, escreveu o poema “A Coluna”, transformado em livro homônimo, lançado em 1958 pela editora Coelho Branco.

Em 1955, volta a Salvador, onde passa a morar com a família, no mesmo sobrado em que passou sua juventude. Segundo Janaína Amado, Jacinta não passava muito tempo com a família, pois “passava quase todo o tempo, porta fechada, ouvindo notícias no rádio, datilografando na máquina, sempre cercada de muitos livros e recortes de jornal, que se espalhava pela grande mesa de trabalho” (*Ibid.*, p. 396). Durante o tempo em que passou em Salvador, continuou com sua militância no partido e voltou a ensinar as crianças pobres da comunidade, embora, como afirma Janaína Amado, a poeta não tivesse o mesmo prestígio que

possuía antes. Diante disso, Janaína Amado levanta um questionamento a respeito do que motivou essa falta de atenção do partido com Jacinta.

Jacinta, que tanto prestígio conquistara entre os membros do partido, nesse período não recebeu atenção. Não foi indicada, por exemplo, como acontecera no passado, para integrar, muito menos chefiar, delegações a congressos, inclusive aos locais. Resultado de mudanças no comportamento dela? Estigma da doença mental? Efeito da separação de James, e do conseqüente afastamento também de Jorge Amado, até 1957 figuras de projeção no PCB? (*Ibid.*, p. 401)

No mesmo ano, inicia um trabalho voluntário no jornal do PCB, *O Momento*. No ano seguinte, assumiu, dentro do jornal, a página “Literatura e Artes”. Nela, eram publicados poemas, traduções contos de vários autores, como também dela mesma. Eram publicados também algumas críticas literárias. De acordo com Janaína Amado, sua participação no Jornal não durou muito tempo. “A partir de 6 de maio de 1956, *O Momento* não publicou mais nenhuma colaboração assinada por Jacinta, embora a secção ‘Literatura e Artes’ tenha continuado a existir até o final desse ano, muito provavelmente sobre direção de outra pessoa” (AMADO, 2010, p. 402)

Em 1958, como foi dito anteriormente, foi publicado o livro *A Coluna*, que se trata de “um longo poema em 15 cantos, que recria a história da Coluna Prestes, com o objetivo de derrubar os governos da República Velha, considerados retrógrados” (*Ibid.*, p. 395). O livro, de edição simples, contém apenas 47 páginas e possivelmente obteve ajuda do PCB no financiamento, visto que o assunto era de interesse do partido.

Nesse mesmo ano, no Rio de Janeiro, onde se encontrava há alguns meses visitando a filha, como afirma o jornal *Diário de Pernambuco*, foi detida na Central do Brasil, no dia do aniversário de Luís Prestes<sup>74</sup>, por vender seu livro *A Coluna* que, de acordo com o referido jornal, fazia “apoteose da campanha comunista no Brasil.”<sup>75</sup> Mas foi solta no mesmo dia, após a prisão ser contestada por James, na qual o ex-marido afirmou à polícia que Jacinta possuía “problemas mentais”.

No final de fevereiro, Jacinta retorna a Salvador e decide pedir o desquite de James e a guarda de sua filha, pois não estava satisfeita com a educação que Janaína vinha recebendo, educação esta considerada por ela “pequeno-burguesa” e desejava criá-la a seus modos, como afirma em carta para James:

<sup>74</sup> Luís Carlos Prestes, nascido em Porto Alegre em 1898 foi um dos mais influentes político brasileiro e líder do PCB por mais de 50 anos. Comandou a famosa marcha pelo Brasil, conhecida como Coluna Prestes. Casado com Olga Benário, morta nas câmeras de gás da Alemanha nazista, fora bastante perseguido durante o Regime Militar. (CPDOC, s/d, s/p)

<sup>75</sup> s/a, Presa Agitadora Comunista no Rio. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 05 de janeiro de 1958. Ano 133, n. 4, p. 2405/01/1958

Sobre Janaína, ela não poderá ficar morando aqui em casa de meu pai, onde estou desde que me curei, porque só poderei tomar conta dela num lugar onde de fato seja eu quem mande nela. Ou aqui na Bahia, ou em qualquer outro lugar, viverá comigo, não nas condições em que está vivendo aí (refiro-me ao apartamento etc.); será em condições bem mais pobres, nas condições em que a mãe dela puder viver.<sup>76</sup>

James não concordou em dar a guarda de sua filha a Jacinta, pois não acreditava que Jacinta teria condições de criá-la e nem Janaína queria morar com a mãe. Além disso, como afirma Janaína (2010), “James queria evitar que Jacinta entrasse na justiça com um processo unilateral de desquite, pois neste caso, para continuar mantendo a guarda da filha, teria de alegar a insanidade mental da mãe, e não desejava expor Jacinta a essa situação” (*Ibid.*, p. 409)

Para resolver a situação, James decidiu inventar que Janaína foi enviada pelo PCB para estudar na URSS e “tornar-se-ia uma verdadeira comunista, livre de todas as influências burguesas” (*Ibid.*, p. 411), para isto contou com Carlos Marighella para dar a notícia a Jacinta, na qual aceitou aparentemente bem. A família de Jacinta também concordou com James, pois segundo Janaína, acreditava ser a melhor solução. Tudo isso resultou na separação definitiva de Jacinta e sua filha e nunca foi revelado por ninguém, que a menina ainda permanecia no Rio de Janeiro, morando com James.

No mesmo ano, após todos esses acontecimentos, Jacinta voltou a ter crises e foi internada novamente durante 6 meses, em Salvador. Após se recuperar, decide não morar mais com a família e parte para Petrolina, em Pernambuco. O motivo de sua mudança não se sabe, mas especula-se que tenha sido uma tentativa de se afastar da família, de estar em um lugar onde não se conhecesse a sua história ou até mesmo para desenvolver alguma tarefa do partido na cidade. Permaneceu ali até 1962, porém não se tem registro de qualquer atividade desempenhada por Jacinta, em Petrolina.

Nesse mesmo ano, muda-se para Sergipe, na cidade de Barra dos Coqueiros. Segundo Janaína Amado (2010), a poeta morou em um barraco de madeira na beira do rio. Em Sergipe, Jacinta militou intensamente, participando de diversas manifestações, greves, discursos e passeatas.

Ela ligou-se rapidamente a militantes e dirigentes do PCB sergipano, desenvolvendo atividades internas para o partido. Escreveu também para o seminário comunista *Folha Popular*, produziu textos encomendados para diferentes ocasiões, ajudou a criar e a manter grupos políticos de mulheres, frequentou atividades culturais de interesse do PCB, principalmente no meio estudantil. (AMADO, 2010, p. 418)

Também desempenhava atividades por conta própria, que não provinham da direção do PCB, como seus discursos em aglomerações e distribuição de textos políticos na cidade. Em

---

<sup>76</sup> Carta de Jacinta Passos a James Amado, 1º de agosto de 1958 apud AMADO, Janaína. *Jacinta Passos, coração militante; obra completa: poesia e prosa, biografia, fortuna crítica*. Salvador, Corrupio, 2020, pp. 409 -410.

Sergipe, Jacinta pode recuperar o prestígio que perdera em Salvador. A poeta continuou atuando com a mesma intensidade, mesmo após o golpe de 1964.

Nessa fase de intensa repressão, Jacinta foi detida pela primeira vez, em Sergipe, em 1965, por uma denúncia (não especificada na bibliografia consultada) feita pelo prefeito de Barra dos Coqueiros, sendo solta poucos dias depois. No mesmo ano, foi presa novamente, dessa vez, “enquanto escrevia palavras de ordem sobre um muro da cidade de Aracajú” (*Ibid.*, p. 422). Foi detida e recolhida ao 28º BC de Aracajú, onde, após ser constatado que era portadora de doenças mentais, é enviada para o Sanatório Público Adauto Botelho, até ser transferida pela família para o sanatório particular, a Casa de Saúde Santa Maria.

Durante esse tempo, que viria ser a sua última internação, por sete anos ininterruptos, continuou escrevendo poemas, peças de teatro e rádio teatro, poesias, textos sobre teoria da arte e reflexões políticas. “Segundo nossos cálculos, Jacinta preencheu cerca de 3.348 páginas de caderno manuscritas no período, quase 560 páginas por ano, quase 16 páginas por dia” (AMADO, 2010, p. 427). Permaneceu na Casa de Saúde Santa Maria até a sua morte, causada por um derrame cerebral, em 28 de fevereiro de 1973, aos 57 anos de idade (*Ibid.*, p. 433).

Como pode-se perceber, Jacinta foi fiel às suas ideias e convicções, principalmente no que diz respeito ao PCB, sendo comunista até o fim de sua vida. Como também continuou a exercer a sua paixão: a poesia, mesmo em meio as dificuldades e nas condições na qual se encontrava.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos ver, a participação da militância das mulheres no PCB se deu de diversas formas, quer seja nas organizações femininas, debatendo e lutando pelos direitos das mulheres, ou de forma mais direta, discursando em comícios e concorrendo a cargos políticos. Mas longo foi o caminho percorrido e diversas foram as tensões para que chegassem a esse lugar, pois tiveram que lidar com a desvalorização de seus trabalhos por parte dos companheiros de partido, que muitas vezes as colocavam, dentro da organização partidária, em espaços considerados “femininos” e nunca em lugares de liderança, dando menor importância aos seus trabalhos, mesmo a sua participação sendo fundamental para o desenvolvimento do partido e terem se esforçado em prol da causa comunista tanto quanto seus companheiros. É importante ressaltar também, que o partido compreendia a militância das mulheres de uma forma limitada e pontual, muitas vezes sem levar em conta a problemática feminina.

Essa falta de reconhecimento e de visibilidade refletiu, posteriormente, no esquecimento e/ou silenciamento da mulher não somente nos livros de memória do PCB, em sua maioria de autoria masculina, mas também da memória coletiva e dos livros historiográficos, que também trazem pouca visibilidade para as mulheres militantes. Os jornais consultados nesta pesquisa, principalmente *O Momento Feminino*, jornal criado, dirigido e redigido por mulheres, que noticiava constantemente a participação das militantes, nos evidenciam o quanto essas mulheres estiveram presentes nos momentos de conflitos e tensões que marcaram a história do partido, mesmo assim, o PCB não foi capaz de fazer uma só menção a suas companheiras.

O esquecimento e/ou silenciamento fica ainda mais visível quando analisamos as vidas de Alina Paim e Jacinta Passos e vemos o quanto a atuação de ambas estiveram constantemente noticiadas nos jornais partidários, principalmente no jornal *Imprensa Popular*, principal jornal do partido, mas nos livros escritos pela liderança do PCB, nenhum espaço foi reservado para elas.

Como vimos, Alina Paim e Jacinta Passos, desde o início de suas trajetórias políticas, dedicaram-se ao partido e fizeram de suas obras, instrumentos da sua militância. Suas obras estão repletas de questões acerca da condição da mulher e suas lutas, se misturando com temas como política e a luta de classes. Transitaram nos círculos de intelectuais ligados ao PCB e dentro do partido, desempenharam diversas atividades, concorrendo até mesmo a cargos políticos, como é o caso de Jacinta Passos. Sofreram preconceitos, foram perseguidas, oprimidas e acusadas, assim como tantas outras mulheres que ousaram ocupar um espaço no

qual não as pertenciam, espaço este fora da vida privada. No caso de Jacinta Passos, podemos notar ainda outro fator de esquecimento além dos já citados anteriormente, o estigma da loucura. A perda de influência e de estima dentro do partido e do círculo literário após o diagnóstico de Esquizofrenia Paranoide e as constantes internações em hospitais psiquiátricos, resultando na sua exclusão social.

Levando em conta essas considerações, é importante que se problematize não somente a não inserção dessas mulheres na memória e na historiografia, mas que também se faça uma análise dos processos e das razões que ocasionaram esse silenciamento, pois apesar dos avanços nas pesquisas já realizadas, ainda encontramos lacunas a serem preenchidas

Por fim, as relações de poder entre gêneros estão mais do que atreladas aos fatores impostos na desvalorização da mulher dentro do PCB, embora as condições de gênero não estejam postas em evidências neste trabalho, deixando aqui uma abertura para pesquisas futuras de forma mais aprofundada, analisando os marcadores de gênero, raça e classe dessas mulheres, trazendo os devidos questionamentos. Mesmo assim, o trabalho possibilita a compreensão dos papéis e espaços dessas mulheres na militância comunista, trazendo contribuições para a historiografia, principalmente no que se diz respeito às mulheres, de forma que sejam vistas não como coadjuvantes, mas como agentes de suas histórias, além de ajudar a preencher a lacuna deixada pela memória do partido.

## REFERÊNCIAS

### Fontes

#### 1. Imprensa

- **Jornal *A Classe Operária*. Disponível na Fundação Maurício Grabois. <<https://www.grabois.org.br/cdm/jornal-classe-operaria-arquivo>>**

ALAMBERT, Zuleika. Um congresso de mulheres pela paz e o bem star. *A Classe Operária*, Rio de Janeiro, 14 de maio de 1949. Ano 4, n. 174, p. 1

Condições favoráveis para a mobilização das mulheres. *A Classe Operária*, Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1946. Ano 1, n.39, p. 4

MOCHEL, Arcelina. A importância da Imprensa na organização feminina. *A Classe Operária*, Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1946. Ano 1, n. 33, p. 7

MOCHEL, Arcelina. A luta das mulheres contra a crise *A Classe Operária*., Rio de Janeiro, 18 de maio de 1946. Ano 1, n.11, p. 4

TOGLIATTI, Palmiro. O trabalho feminino é um dos objetivos centrais do partido. *A Classe Operária*, Rio de Janeiro, 08 de março de 1947. Ano 1, n.54, p.5

- **Jornal *O Momento Feminino*. Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional < <http://memoria.bn.br/>>**

CONFERÊNCIA Nacional Feminina. *O Momento Feminino*, Rio de Janeiro, 20 de maio de 1949. Ano 2, n. 54, p. 4

PRIMEIRO aniversário do Instituto Feminino do Serviço Construtivo. *O Momento Feminino*, Rio de Janeiro, 31 de outubro 1947. Ano 1, n. 15, p.15

TIBIRIÇA, Alice. As mulheres organizadas a serviço do Brasil e da humanidade. *O Momento Feminino*, Rio de Janeiro, 08 de agosto de 1947. Ano 3, n., p.4

- **Jornal *Vamos Ler!* Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional < <http://memoria.bn.br/>>**

DANTAS, Raymundo Souza. O primeiro romance de Alina Paim. *Vamos Ler!*, Rio de Janeiro, 06 de dezembro de 1945. Ano 9, n. 488, p. 45

- **Jornal *Imprensa Popular!* Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional < <http://memoria.bn.br/>>**

O IV Congresso Brasileiro de Escritores, *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 18 de julho de 1951. Ano 4, n. 739, p.2

165 delegados no IV Congresso Brasileiro. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1951. Ano 4, n. 806, p. 3

A coleção “Romances do Povo” em 1955. *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 10 de março de 1955. Ano 8, n. 1.447, p.4

Ameaçada de prisão a romancista Alina Paim. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 29 de março de 1951. Ano 4, n. 654, pp. 1-4

CASTRO, Moacir Werneck de. O caso de Alina Paim *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 08 de abril de 1951. Ano 4, n.661, p.3

Eleita a nova Diretoria da A.B.D.E. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 04 de abril de 1951. Ano 4, n. 658, p.3

Em defesa de Alina Paim. *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 01 de abril de 1951, Ano 4, n. 656, p. 3

Em São Paulo amanhã o congresso de mulheres. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 27 de julho de 1951. Ano 4, n. 747, p. 1

Grande êxito de “a tempestade” *Imprensa Popular.*, Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1955. Ano 8, n. 1.404, p. 4

Hoje, o novo romance de Alina Paim. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 05 de maio de 1955. Ano 8, n. 1.493, p.3

O novo Romance de Alina Paim. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1955. Ano 8, n. 1.584, p. 4

O romance em 1954. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 13 de julho de 1954. Ano 7, n. 1.248, p. 4

PEREIRA, Astrojildo. O novo romance de Alina Paim. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 17 de julho de 1955. Ano 8, n. 1.556, p. 9

RAMOS, Graciliano. O último romance de Alina Paim. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 10 de abril de 1951. Ano 4, n.662, p. 2

Revogada a Ordem contra Alina Paim. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 15 de abril de 1951. Ano 4, n. 667, p.3

RIBEIRO, Iracema. O Trabalho Feminino – Dever de Todo o Partido. *Suplemento da Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1954. p.2

Temário do IV Congresso. *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1951. Ano 4, n. 765, p.9

Um fato inédito na vida cultural brasileira. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 7 de maio de 1955. Ano 8, n. 1.495, p. 1

- **Jornal *Diário de Notícias*. Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional < <http://memoria.bn.br/>>**

SALLES, Heraclio. “A Hora Próxima”. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 14 de agosto de 1955. Seção 8, p.2

- **Jornal *O Jornal*. Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional < <http://memoria.bn.br/>>**

BASTIDE, Roger. Trimestre Poético. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 24 de março de 1945. Ano 27, n. 7.539, p. 4

- **Jornal *Correio Paulistano*. Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional < <http://memoria.bn.br/>>**

A mulher paulistana mobiliza forças em prol da anistia. *Correio Paulistano*, São Paulo, 03 de abril de 1945. Ano 91, n. 27.312, p. 1203/04/1945. Pg. 2

VIEIRA, José Geraldo. Poesia- Solução de tudo. *Correio Paulistano*, São Paulo, 13 de maio de 1945. Ano 91, n. 27.343, p. 4

- **Jornal *Correio do Amanhã*. Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional < <http://memoria.bn.br/>>**

JEAN, Yvonne. Presença da Mulher. *O Correio do Amanhã*. Rio de Janeiro, 01 de outubro de 1951. Ano 51, n. 17.958, p. 7

- **Jornal *Diário de Pernambuco*. Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional < <http://memoria.bn.br/>>**

Preso Agitadora Comunista no Rio. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 05 de janeiro de 1958. Ano 133, n. 4, p. 2405/01/1958

## 2. Documentos

- **Documentos Policiais**

Prontuário 107813, **Alina Paim**, 16 mar., 1951. Arquivo Público do Estado de São Paulo, Departamento de Ordem Política e Social, DEOPSSPA007709. Disponível em:

<[http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio\\_digital/deops\\_ficha](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/deops_ficha)> Acesso em: 06/05/2021.

Prontuário n. 113825, **Jacinta Passos**, 17 dez., 1951. Arquivo Público do Estado de São Paulo, Prontuários, Departamento de Ordem Política e Social, DEOPSSPJ000115. Disponível em: <[http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio\\_digital/deops\\_ficha](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/deops_ficha)> Acesso em: 06/05/2021

- **Documentos Oficiais**

**Elementos subversivos do SIA** Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro, 10 nov., 1966. Arquivo Nacional, Serviço Nacional de Informações. ID. C0084001-1983

- **Outros Documentos**

Associação Brasileira de Escritores. *Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores*. São Paulo, 22 - 27/01/ 1945

## **Bibliografia**

### **1. Livros**

AMADO, **Janaína**. *Jacinta Passos, coração militante: obra completa: poesia e prosa, biografia, fortuna crítica*. Salvador, Corrupio, 2010.

SCHUMACHER, Schuma; BRAZIL, Vital Érico. *Dicionário das mulheres do Brasil de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro, Zahar 2ª edição, 2000.

### **2. Capítulos de Livros**

FERREIRA, Jorge. *Identidades e práticas do militante* (in) Prisioneiros do Mito: Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930- 1956). Niterói. EDUFF, 2002

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *A verdadeira pátria dos trabalhadores: a URSS e as edições comunistas*. In: ABREU, Márcia e SCHAPOCHNIK, Nelson (org.) *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas: Mercado de Letras, 2005, v.1, p. 343-365.

PALAMARTCHUK, Ana Paula. *Assimetria das Transformações: Nise da Silveira (notas de Pesquisas)* (in) AVELAR, Alexandre; FARIA, Daniel e PEREIRA, Henrique (Orgs.) *Contribuições à história intelectual do Brasil Republicano*. Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012.

\_\_\_\_\_. *História e Literatura: Parque Industrial, gênero e revolução* (in) FÁTIMA, Adriana de; SOUTO, Suzana (Orgs.) *Literatura, estética e revolução*. Universidade de Brasília, 2018.

SIZILIO, Ricardo. *Os candidatos de Prestes e a campanha pela preferência do eleitorado*. (in) Vai, Carlos, ser Marighella na vida: outro olhar sobre os caminhos de Carlos Marighella na Bahia. Salvador, EDUFBA, 2019.

\_\_\_\_\_. *Quem samba, fica! – a vitória de Carlos Marighella e do PCB em 1945*. (in) Vai, Carlos, ser Marighella na vida: outro olhar sobre os caminhos de Carlos Marighella na Bahia. Salvador, EDUFBA, 2019.

### **3. Teses, Dissertações e Monografias**

ALVES, Iracélli da Cruz. *A Política no Feminino: Uma História das Mulheres no Partido Comunista Brasileiro – Seção Bahia (1942-1949)*. 2015. Dissertação (Mestrado em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana. 2015

\_\_\_\_\_. *Feminismos entre ondas: mulheres, PCB e a política no Brasil*. Tese (Doutorado em História) Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

CARMO, Rodrigo Reis do. *Romances do Povo: a política cultural do PCB e negação da esfera pública popular*. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

LEÃO, Viviane Maria Zeni. *Mulheres e o Imaginário Comunista: (Uma nova história; uma história nova) 1945- 1956*. Dissertação (Mestrado em História). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2003.

LIMA, Felipe Victor. *O primeiro Congresso Brasileiro de Escritores: movimento intelectual contra o Estado Novo (1945)*. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Filosofia, Letras, e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, Ilka Maria de. *A literatura na revolução: Contribuições literárias de Astrojildo Pereira e Alina Paim para uma política cultural do PCB nos anos 50*. 1998, Dissertação (Mestrado em Literatura), Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1998.

PÍRES, Leticia Cristina. *As Representações Anticomunistas Sobre as Mulheres do PCB no Período de 1945-1956*. Monografia (Graduação em História). Universidade Tuiti do Paraná, 2010.

SILVA, Gleice Pereira da. *As mulheres na formação do PCB: uma abordagem interseccional (1922 – 1935)*. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.

#### **4. Artigos publicados em revistas e anais**

ALMEIDA, Daniele Barboza de Souza. *O corpo no romance A Sombra do Patriarca de Alina Paim*. Revista Interdisciplinar, São Cristóvão: V. 5, n 5, jan/jun, 2008. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1121/959> . Acesso em: 18/03/2019

ALVES, Iracélli da Cruz. *Os Movimentos Feministas e Comunistas no Brasil: História, Memória e Política*. Revista Tempos Históricos. VI. 21, 2017. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/tempohistoricos/article/view/17245> Acesso em: 17/09/2020.

ANDRADE, Homero Freitas de. *O realismo socialista e suas (in) definições*. Revista Literatura e Sociedade, São Paulo, 8º ensaio, pp. 152- 165.

BOAS, Alex Villas; SIENNA, Ernesto Lazaro. *Catolicismo social europeu, Rerum Novarum e primazia do reino de Deus nas origens do catolicismo de esquerda na América Latina*. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano XI, n. 32, Setembro/Dezembro de 2018 - ISSN 1983-2850.

CARDOSO, Ana Maria Leal. *Uma romancista esquecida nos labirintos do tempo*. Revista ALETRIA, Nº 2- V. 20. 2010 – Maio - Ago. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1535> . Acesso em: 20/03/2019.

MELO, Ana Amélia de Moura Cavalcante de. *Associação Brasileira de Escritores dinâmica de uma disputa*. Revista *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 27, nº 46: pp.711-732, jul/dez 2011.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *O PCB e a Moral Comunista*. *LOCUS: revista de história*, Juiz de Fora, vol. 3, nº 1, pp. 69-83, 1996.

OLIVEIRA, Santos Rosângela. *Jacinta Passos, loucura ou marginalização?* III EBECULT- Encontro Baiano de Estudos em Cultura, 2012. Salvador. Disponível em: <http://www3.ufrb.edu.br/ebecult/wp-content/uploads/2012/04/Jacinta-passos-loucuraou-marginalizac%C3%83%C3%9Fa%C3%83%C3%89o.pdf>. Acesso em:18/03/2019

PALAMARTCHUK, Ana Paula. *Hamlet acabará Narciso?* *Associação Brasileira de Escritores 1941-1945 Antíteses*, vol. 6, núm. 11, enero-junio, 2013, pp. 100-126 Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

\_\_\_\_\_. RESENHA: Jorge FERREIRA. *Prisioneiros do Mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)*. Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth (UNICAMP), v. 11, p. 275-282, 2004.

RODRIGUES, Theófilo Machado. *Notas sobre a participação partidária das comunistas no Brasil*. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais – RBHCS Vol. 11 N° 22, Julho - Dezembro de 2019

SCHWANTES, Cíntia. *Como romancear a Revolução ou a Hora Próxima de Alina Paim*. Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo, nº 20 – Julho-Dezembro de 2012 – ISSN 1679- Disponível em: 849X< <http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/num20/> > Acesso em: 10/05/2021.

SERRA, Sônia. *Jornalismo político dos comunistas no Brasil: diretrizes e experiências da “Imprensa Popular”*. In: II Compolítica, 2007, Belo Horizonte. Anais do II Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação e Política. Belo Horizonte: UFMG, 2007. Disponível em: <[https://drive.google.com/file/d/0B8\\_gvWjrwU3Za0VSYnRlN01JY1E/view](https://drive.google.com/file/d/0B8_gvWjrwU3Za0VSYnRlN01JY1E/view) > Acesso em: 10/05/2021.

## 5. Páginas de internet e blogs

CPDOC. *Dicionário biográfico*. Disponível em:< <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo> > Acesso em: 09/02/2021.

BAUER, Greice; LIMA, Rodrigo. *Dicionário de tradutores literários no Brasil*. 2012. Disponível em:< <https://dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/GracilianoRamos.htm> > Acesso em: 10/05/2021.

BUONICORE, Augusto; GARCIA, Fernando. *As mulheres e os noventa anos de comunismo no Brasil. Memória Sindical*, 07 de jun. 2012. Disponível em:

<<https://memoriasindical.com.br/formacao-e-debate/as-mulheres-e-os-noventa-anos-do-comunismo-no-brasil/>>

MORELATO, Adrienne Savazoni. *Adrienne Savazoni: Por que poeta, e não poetisa?* Vermelho: A esquerda bem informada, 2019. Disponível em: <https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/adrienne-savazoni-por-que-poeta-e-nao-poetisa/>